

# ILUSTRAÇÃO

N.º 319 — 14.º ano



CRISTO MORTO

(Quadro de EL GRECO)

# OBRAS DE JULIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versões portuguesas autorizadas pelo autor e editores, feitas pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

A leitura dos romances de JULIO VERNE distrai, instrue e faz meditar, constituindo FORMIDÁVEL EXERCÍCIO DE INTELIGÊNCIA

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10\$00

- 1 — **Da terra à lua**, viagem directa em 97 horas e 20 minutos, tradução de Henrique de Macedo. 1 volume.
- 2 — **Á roda da lua**, trad. de Henrique de Macedo. 1 vol.
- 3 — **A volte ao mundo em oitenta dias**, trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.  
**Aventuras do capitão Hatteras**, trad. de Henrique de Macedo:
  - 4 — 1.ª parte — **Os ingleses no Polo Norte**. 1 vol.
  - 5 — 2.ª parte — **O deserto de gelo**. 1 vol.
- 6 — **Cinco semanas em balão**, trad. do Dr. Francisco Augusto Correia Barata. 1 vol.
- 7 — **Aventuras de três russos e três ingleses**, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.
- 8 — **Viagem ao centro da terra**, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.  
**Os filhos do capitão Grant**, trad. de A. M. da Cunha e Sá:
  - 9 — 1.ª parte — **América do Sul**. 1 vol.
  - 10 — 2.ª parte — **Austrália Meridional**. 1 vol.
  - 11 — 3.ª parte — **Oceano Pacífico**. 1 vol.
- 12 — **Vinte mil léguas submarinas**:
  - 12 — 1.ª parte — **O homem das águas**, trad. de Gaspar Borges de Avelar.
  - 13 — 2.ª parte — **O fundo do mar**, trad. de Francisco Gomes Moniz. 1 vol.
- 14 — **A ilha misteriosa**, trad. de Henrique de Macedo:
  - 14 — 1.ª parte — **Os naufragos do ar**. 1 vol.
  - 15 — 2.ª parte — **O abandonado**. 1 vol.
  - 16 — 3.ª parte — **O segredo da ilha**. 1 vol.
- 17 — **Miguel Strogoff**, trad. de Pedro Videira:
  - 17 — 1.ª parte — **O correio do Czar**. 1 vol.
  - 18 — 2.ª parte — **A invasão**. 1 vol.
- 19 — **O país das peles**, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho:
  - 19 — 1.ª parte — **O eclipse de 1860**. 1 vol.
  - 20 — 2.ª parte — **A ilha errante**. 1 vol.
- 21 — **Uma cidade flutuante**, trad. de Pedro Guilherme dos Santos Denis. 1 vol.
- 22 — **As índias negras**, trad. de Pedro Videira. 1 vol.  
**Heitor Servadao**, trad. de Xavier da Cunha:
  - 23 — 1.ª parte — **O cataclismo cósmico**. 1 vol.
  - 24 — 2.ª parte — **Os habitantes do cometa**. 1 vol.
- 25 — **O Doutor Ox**, trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.  
**Um herói de quinze anos**, trad. de Pedro Denis:
  - 26 — 1.ª parte — **A viagem fatal**. 1 vol.
  - 27 — 2.ª parte — **Na África**. 1 vol.
- 28 — **A galera Chancellor**, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.
- 29 — **Os quinhentos milhões da Begun**, trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.
- 30 — **Atribuições de um chinês na China**, trad. de Manuel Maria de Mendonça Balsemão. 1 vol.  
**A casa a vapor**, trad. de A. M. da Cunha e Sá:
  - 31 — 1.ª parte — **A chama errante**. 1 vol.
  - 32 — 2.ª parte — **A ressuscitada**. 1 vol.
- 33 — **A jangada**, trad. de Pompeu Garrido.
  - 33 — 1.ª parte — **O segredo terrível**. 1 vol.
  - 34 — 2.ª parte — **A justificação**. 1 vol.
- 35 — **As grandes viagens e os grandes viajantes**, trad. de Manuel Pinheiro Chagas:
  - 35 — 1.ª parte — **A descoberta da terra**. 1.º vol.
  - 36 — 1.ª parte — **A descoberta da terra**. 2.º vol.
  - 37 — 2.ª parte — **Os navegadores do século XVIII**. 1.º vol.
  - 38 — 2.ª parte — **Os navegadores do século XVIII**. 2.º vol.
  - 39 — 3.ª parte — **Os exploradores do século XIX**. 1.º vol.
  - 40 — 3.ª parte — **Os exploradores do século XIX**. 2.º vol.
- 41 — **A escola dos Robinsons**, trad. de Assis de Carvalho. 1 vol.
- 42 — **O raio verde**, trad. de Mendonça Balsemão. 1 vol.  
**Kéran, o Cabeçudo**, trad. de Urbano de Castro:
  - 43 — 1.ª parte — **De Constantinopla a Scutari**.
  - 44 — 2.ª parte — **O regresso**. 1 vol.
- 45 — **A estrela do sul**, trad. de Almeida de Eça. 1 vol.
- 46 — **Os piratas do arquipélago**, trad. de João Maria Jales. 1 vol.  
**Matias Sandorff**:
  - 47 — 1.ª parte — **O pombo correio**. 1 vol.
  - 48 — 2.ª parte — **Cabo Matifoux**. 1 vol.
  - 49 — 3.ª parte — **O passado e o presente**. 1 vol.
- 50 — **O naufrago do «Cynthia»**, trad. de Agostinho Sottomayor. 1 vol.
- 51 — **O bilhete de lotaria n.º 9.672**, trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.
- 52 — **Robur, o Conquistador**, trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.  
**Norte contra Sul**, trad. de Almeida de Eça:
  - 53 — 1.ª parte — **O ódio do Texar**. 1 vol.
  - 54 — 2.ª parte — **Justiça**. 1 vol.
- 55 — **O caminho da França**, trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.  
**Dois anos de férias**, trad. de Fernandes Costa:
  - 56 — 1.ª parte — **A escuna perdida**. 1 vol.
  - 57 — 2.ª parte — **A colónia infantil**. 1 vol.
- 58 — 1.ª parte — **Os filhos do traidor**. 1 vol.
- 59 — 2.ª parte — **O padre Johann**. 1 vol.
- 60 — **Fora dos eixos**, trad. de Augusto Fuschini. 1 vol.  
**Cesar Cascabel**:
  - 61 — 1.ª parte — **A despedida do novo continente**, trad. de Salomão Sáraga. 1 vol.
  - 62 — 2.ª parte — **A chegada ao velho mundo**, trad. de Lino de Assunção. 1 vol.
- 63 — **A mulher do capitão Branican**, trad. de Silva Pinto:
  - 63 — 1.ª parte — **A procura dos naufragos**. 1 vol.
  - 64 — 2.ª parte — **Deus dispõe**. 1 vol.
- 65 — **O castelo dos Carpathos**, trad. de Pinheiro Chagas. 1 vol.
- 66 — **Em frente da bandeira**, trad. de Manuel de Macedo. 1 vol.  
**A ilha de Hélice**, trad. de Henrique Lopes de Mendonça:
  - 67 — 1.ª parte — **A cidade dos biliões**. 1 vol.
  - 68 — 2.ª parte — **Distúrbios no Pacífico**. 1 vol.
- 69 — **Clovis Dardentor**, trad. de Higinio de Mendonça. 1 vol.  
**A esfinge dos géios**, trad. de Napoleão Toscano:
  - 70 — 1.ª parte — **Viagens aos mares austrais**. 1 vol.
  - 71 — 2.ª parte — **Lutas de marinheiro**. 1 vol.
- 72 — **A carteira do repórter**, trad. de Pedro Videira. 1 vol.  
**O soberbo Orenoco**, trad. de Anibal de Azevedo:
  - 73 — 1.ª parte — **O filho do coronel**. 1 vol.
  - 74 — 2.ª parte — **O coronel de Kermor**. 1 vol.
- 75 — **Um drama na Livónia**, trad. de Fernando Correia. 1 vol.
- 76 — **Os naufragos do Jonathan**, trad. de Henrique Lopes de Mendonça. 1.º vol.
- 77 — **Os naufragos do Jonathan**, trad. de Henrique Lopes de Mendonça. 2.º vol.
- 78 — **A invasão do mar**, trad. de Joaquim dos Anjos. 1 vol.
- 79 — **O farol do cabo do mundo**, trad. de Joaquim dos Anjos. 1 vol.
- 80 — **A Aldeia Aérea**, trad. de José Coelho de Jesus Pacheco. 1 vol.
- 81 — **A Agência Thompson & C.ª**, 1.ª parte. Tradução de J. B. Pinto da Silva e Diogo do Carmo Reis. 1 vol.
- 82 — **A Agência Thompson & C.ª**, 2.ª parte. Tradução de J. B. Pinto da Silva e Diogo do Carmo Reis. 1 vol.

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — R. Garrett, 73-75 — LISBOA

**GOTOSOS E REUMATICOS**

Em menos de 24 horas, podéis acalmar as vossas dores com o

**ESPECIFICO BÉJEAN**



O remédio mais ACTIVO prescrito pelas autoridades médicas contra

a **GÔTA**, a **SCIÁTICA**  
os **REUMATISMOS**  
Agudos ou Chronicos

e todas as dores de origem artritica  
Um unico frasco bastará para vos convencer da rapidez da sua acção.

À venda em todas as Pharmácias  
**Produits BÉJEAN - Paris**

**ILUSTRAÇÃO**

Director: ARTHUR BRANDÃO

Editor: José Júlio da Fonseca

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 30 - Lisboa

Administração: Rua Anchieta, 51, 1.º - Lisboa

**PREÇOS DE ASSINATURA**

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular .....	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada) .....	32\$40	64\$80	129\$60
Ultramar Português .....	—	64\$50	129\$00
(Registada) .....	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colónias .....	—	64\$50	129\$00
(Registada) .....	—	69\$00	138\$00
Brasil .....	—	67\$00	134\$00
(Registada) .....	—	91\$00	182\$00
Outros países .....	—	75\$00	150\$00
(Registada) .....	—	99\$00	198\$00

**VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA**



**A mais bela revista feminina que se publica tôdas as semanas**

Leitura captivante e educadora - Aspecto interessante e atraente - Sumários variados e tentadores

Páginas magnificas sôbre: **Família e Arte de Viver - Beleza e Higiene - Modas - A Casa, O Lar, O Jardim - Alimentação - Movimentos, ginástica**

ROMANCES - NOVELAS - CARTAS

**NUMEROSAS GRAVURAS A PRETO E A CÔRES**

**FIGURINOS E MODELOS** das mais simples às mais luxuosas «toilettes», chapéus, penteados, etc.

O mais belo e apreciado repositório dos cuidados da mulher moderna

Cada número de 60 páginas, com uma artistica capa a côres, **Esc. 3\$00**

**DISTRIBUIDORES PARA PORTUGAL**

**LIVRARIA BERTRAND - Rua Garrett, 73 - LISBOA**

## PAULINO FERREIRA

**:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::**

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,  
MOVIDAS A ELECTRICIDADE

**CASA FUNDADA EM 1874**

Premiada com medalha de ouro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

**TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS** simples e de luxo

**Orçamentos Grátis**

Rua Nova da Trindade, 80 a 92—LISBOA

Telefone 2 2074

O jornal de maior reportagem mundial

# Paris-soir

**TODOS OS DIAS 70 CENTAVOS**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75—LISBOA

# P O M B A

**NOVA INVENÇÃO**

**Sem fios, baterias ou acessórios**

Duração ilimitada — adapta-se exactamente — não dá na vista — som nitido e natural — sem deformação — elimina ruidos — preço moderado, peça ainda hoje detalhes sobre a

**OFERTA DE LARGA EXPERIÊNCIA EM CASA**

Único instrumento do seu género

Medalha de prata na «Exposição de Paris em 1937»

Mande uma carta ou postal a

**NATURTON Co. (L. L.) 83 Pall. Mali.—Londres S. W. I.**

A primeira obra comemorativa  
do terceiro centenário da Restauração  
**ACABA DE APARECER**

## A RESTAURAÇÃO

POR **EDUARDO BRASÃO**

Da Academia Portuguesa da História

**Relações diplomáticas de Portugal de 1640 a 1668**

1 vol. de 480 págs. com um magnífico retrato do rei D. João IV, broc. **Esc. 18\$00**  
Pelo correio à cobrança . . **Esc. 20\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — Rua Garrett, 73-75 — LISBOA



**À VENDA**

## A Patologia da Circulação Coronária

**O problema da angina pectoris  
O infarto do miocardio  
O síndrome de Adams-Stokes**

PELO **DR. EDUARDO COELHO**

Professor da Faculdade de Medicina

1 vol. de 168 págs. no formato 17,5 x 26, em papel couché, profusamente ilustrado, Esc. **25\$00**  
Pelo correio à cobrança, Esc. **27\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

**GRAVADORES  
IMPRESSORES**

**Bertrand, Irmãos, L.ª**

Telefone 2 1368

Travessa da Condessa do Rio, 27  
**LISBOA**

**UM LIVRO DE ARTE E UTILIDADE**

## A HABITAÇÃO

POR **Fernando Perfeito de Magalhães**

Com um prefácio do **Prof. Dr. Agostinho de Campos**

1 vol. com muitas gravuras, algumas a côres, representando projectos de construção de moradias etc., broc. **Esc. 10\$00**  
Pelo correio à cobrança **Esc. 11\$50**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — Rua Garrett, 73-LISBOA

A última quinzena foi assinalada, entre nós, por um facto cuja alta transcendência desnecessário se torna acentuar.

Na verdade, a assinatura do tratado de amizade e não agressão com a Espanha, nestes tempos conturbados em que o dia de amanhã é uma incógnita, vem reconhecer a inviolabilidade das nossas fronteiras terrestres pelo único estado que as poderia ameaçar se se generalizasse à península um conflito europeu, e vem, além disso, estreitar os laços de inequívoca amizade e de leal camaradagem que uniram o nosso país ao vizinho durante a cruenta guerra que há três anos dilacerou a pátria de Cervantes.

Assinaram o tratado como representantes, respectivamente, do Presidente da República Portuguesa, sr. General Carmona, e do Chefe do Estado e Generalíssimo dos Exércitos Espanhóis, sr. D. Francisco Franco, o sr. Presidente do

## AMIZADE LUSO-ESPAÑHOLA

Conselho e Ministro dos Negócios Estrangeiros, dr. António de Oliveira Salazar, e o sr. Embaixador espanhol em Lisboa, D. Nicolau Franco.

Eis os principais artigos do importante instrumento diplomático:

"Artigo 1.º - As duas Partes contratantes obrigam-se uma para com a outra ao absoluto respeito das suas fronteiras e territórios e a não praticar qualquer acto de agressão ou de invasão contra a outra Parte.

"Será tido por contrário ao estipulado neste artigo todo o acto violento contra a integridade e a inviolabilidade do território, ainda mesmo que não seja precedido de declaração de guerra.

"Artigo 2.º - As Altas Partes contratantes obrigam-se a não prestar auxílio

ou assistência ao eventual agressor ou agressores da outra Parte, e designadamente não consentirão que do território de cada

uma delas seja dirigida qualquer agressão ou ataque contra os territórios da outra, tanto por terra como por mar ou pelo ar.

"Artigo 3.º - Cada uma das Partes contratantes obriga-se a não entrar em pacto ou aliança contra a outra parte ou que tenha por fim agressão contra o respectivo território.

"Artigo 4.º - Qualquer pacto ou tratado de aliança de futuro concertado entre uma das Partes contratantes e terceiros Estados ressaltará sempre os compromissos definidos neste Tratado.

"Artigo 5.º - O presente Tratado terá a duração de dez anos e considerar-se-á tacitamente prorrogado enquanto não for denunciado com seis meses de antecedência por uma das Partes."



O sr. Presidente do Conselho e Ministro dos Negócios Estrangeiros com o sr. Embaixador da Espanha assinando o Tratado



tura fazia alastrar à vontade dos inquisidores. Escusado será dizer que caíam nos mais absurdos relatos, que deram a seguinte análise:

"Confessam os ditos acusados, que suas assembleias diabólicas tinham lugar num sítio chamado *Prado do Bode*. Ali é que o Diabo se lhes apresentava debaixo da figura dum grande bode, nas segundas, quartas e quintas-feiras de cada semana, dias marcados para as assembleias, além dos das maiores festas da igreja, como a Páscoa, Espírito-Santo, Natal, etc.

"Em cada congresso, principalmente quando há recepção, o Diabo toma a figura dum homem tristonho, colérico, negro e feio, e está assentado num trono escuro.

"Usa uma coroa de corniões, tem duas pontas de bois maiores atrás na cabeça, e uma terceira no meio da testa, a qual é luminosa e basta para alumiar a assembleia, sendo a luz que projecta menos intensa que a do sol e mais viva que a da lua. Tem os olhos redondos, grandes, ardentes, medonhos; a barba é como a do bode, e toda a parte inferior do corpo assemelha-se a este animal. Contudo seus pés e mãos são parecidos com os do homem, diferenciando-se em ter os dedos iguais, terminados em unhas dum comprimento desmesurado, recurvadas como as garras duma ave de presa. A voz é como o ornejar do jumento: as palavras mal articuladas, e num tom imperioso e ameaçador.

"Ao abrir a assembleia, todos se prostram e adoram o demónio, apelidando-o seu senhor e seu Deus; depois cada um lhe beija a mão e o pé esquerdo.

"O congresso começa às nove horas da tarde e acaba ordinariamente à meia noite; em todo o caso não pode prolongar-se além do cantar do galo.

"À cerimónia do beijamão, etc., succede outra que é uma imitação diabólica da missa, em que os diabos subalternos preparam o altar, e ajudam o seu chefe como os meninos do coro ajudam à missa dos cristãos. O Diabo interrompe a cerimónia para exortar os assistentes a que nunca mais voltem ao cristianismo, e lhes promete um paraíso bem preferível ao prometido aos cristãos.

"Acabada a missa, o Diabo junta-se com todos os homens e mulheres sem distinção de casamento nem de parentesco...

"Depois da cerimónia, Satanaz despede todo o ajuntamento, ordenando a cada um que faça o maior mal que puder fazer a todos os cristãos e a todos os frutos da terra, e lhes recomenda que não

## NA ESPANHA

# A cidade de Logroño

### Como o Diabo se divertia há séculos

hesitem para isso em transformar-se em cão, em lobo, raposa, serpente, milhafre, segundo fôr preciso; bem como empreguem, para conseguir os fins, pês e líquidos empeçonhados que se preparam com água de sapo, que todo o feiticeiro macho ou fêmea trás consigo, não sendo o sapo outra coisa mais do que o Diabo que se multiplica ao infinito.

"É nesta assembleia que tem lugar a recepção dos postulantes ao título de fei-



teiro: o candidato renuncia ao culto de Deus, e promete ao Diabo obediência e fidelidade até à morte. Satanaz marca o iniciado com as unhas da mão esquerda, e imprime-lhe a figura dum pequenino sapo na menina do olho esquerdo, sem lhe causar a menor dor. Esta figura de sapo, que serve para todos os feiticeiros como de senha para se reconhecerem, só é visível para eles.

"Entrega-se depois ao *recipiendário* um saposinho muito bem vestido, que nunca mais o deve deixar, e que tem a propriedade de tornar invisível o seu novo senhor, de o transportar num instante a distâncias enormes, e de o metamorfosar em toda a espécie de animais.

"Antes de comparecerem na assembleia, os feiticeiros têm cuidado em untarem o corpo com um licor vomitado pelo sapo e que se obtém batendo-lhe com uma

## DOS TEMPOS IDOS

# e os seus feiticeiros

### nessas paragens de Castela-a-Velha

varinha, até que o Diabo, escondido debaixo da pele do animal, diz — basta!

"Só depois de untado com este licor, é que o feiticeiro pode voar como um pássaro; mas os seus vãos ou correrias só podem ser de noite; logo que o galo canta, acha-se no seu estado natural.

"O Diabo dá também aos feiticeiros receitas para compôr venenos com répteis-insectos, miolos de homens, e sucos de diversas plantas. Se um feiticeiro está



muito tempo sem usar de todos estes meios para fazer mal aos cristãos, o Diabo o faz castigar em pleno congresso.

Tais foram as absurdas declarações dos dezanove acusados que os outros dez foram forçados a confirmar ao cabo de três sessões de tortura.

Mas o processo elaborado por fanáticos e supersticiosos continua:

"Uma mulher, chamada Maria de Zaraya, declarou que fizera muito mal a um grande número de pessoas que ela nomeou, fazendo-lhes experimentar, por encantamento, vivíssimas dores, e dando-lhes longas doenças. Mais declarou que todas as noites era visitada pelo Diabo que durante muitos anos fôra para ela como seu marido, e que ela por bastante tempo escarnecera dum padre que gostava da caça às lebres, tomando a

figura deste animal, e fatigando o caçador por grandes caminhadas a que o obrigava.

"Um outro, Miguel Goiburu, confessou que era o rei dos feiticeiros e que muitas vezes profanára as igrejas arrancando os mortos dos tumulos para os oferecer ao Diabo.

"Declarou que muitas vezes se reuniu ao demónio para deitar malefícios sobre campos ou sobre homens, e que na sua qualidade de rei dos feiticeiros trazia a caldeirinha cheia de baba de sapo, de que o Diabo se servia para fazer as suas operações.

"Finalmente, disse que fizera morrer grande número de meninos sugando-lhes o sangue.

"João Goiburu, irmão do precedente, declarou que era ele que fazia dançar os feiticeiros ao som do tamboril nas assembleias presididas pelo Diabo, e disse que, num jantar dado por êle aos feiticeiros, lhes servira os ossos do seu próprio filho, etc.

"A filha de João Goiburu, confessou ter sido amante do Diabo, e que, como o seu tio, fizera morrer muitos meninos sugando-lhes o sangue.

"O primo do rei dos feiticeiros declarou tocar flauta, enquanto o Diabo se entregava aos prazeres, etc. etc."

E assim foi organizado o processo, sendo todos os feiticeiros condenados à fogueira. No entanto, atendendo a que se declararam arrependidos, foi-lhes concedida a graça de serem estrangulados antes de os queimarem.

Havia duas espécies de autos de fé: a geral e a particular.

O auto de fé particular repetia-se muitas vezes durante o ano, em épocas fixas, sendo o número de executados menor ao destinado às execuções gerais que só se realizavam em ocasiões solenes, festejando-se assim os soberanos.

Um mês antes do dia fixado para o auto da fé chamado geral, os membros da Inquisição, precedidos da sua bandeira, seguiam em grande cavalgada do palácio do Santo Offício para a praça das execuções, anunciando com grande beraria que, dali a trinta dias, haveria uma execução geral dos condenados pelo sagrado tribunal.

Esta cavalgada fazia depois o giro em toda a cidade ao som de trombetas e tímbrals. Desde este momento, tratava-se dos preparativos necessários para tornar a cerimónia tão solene quanto magnífica.

Para esse fim, erguiam-se sobre a grande praça um tablado de cinquenta pés de comprido, elevado até à altura da



tribuna onde o rei aparecia, quando nessa cidade houvesse residência real. Na extremidade e sobre toda a largura deste tablado erguia-se à direita da tribuna do soberano, ou do seu representante, um anfiteatro de vinte e cinco a trinta degraus, destinado ao conselho da *Suprema* e outras autoridades.

No alto dos degraus via-se, debaixo dum dossel, a cadeira do inquisidor-mór, que estava mais elevada que a do rei.

À esquerda da tribuna elevava-se um segundo anfiteatro onde os condenados eram postos em exposição.

Um mês depois da publicação do auto de fé, a cerimónia começava por uma procissão, composta de carvoeiros dominicanos e familiares do Santo Offício, que saía da igreja e se encaminhava para a grande praça, regressando depois de ter colocado junto do altar uma cruz verde, enfeitada de crepes, e o estandarte da Inquisição.

Às sete horas da manhã, o rei, a rainha e toda a corte davam entrada nas tribunas.

Às oito, a procissão saía do palácio da Inquisição e seguia para a praça, sempre com os carvoeiros à frente, privilégio que lhes era concedido em consideração de êles fornecerem a lenha necessária para queimar os herejes e feiticeiros.

Lidas as sentenças, o inquisidor-mór deixava a cadeira e pronunciava a absolvição dos reus que estavam reconciliados.

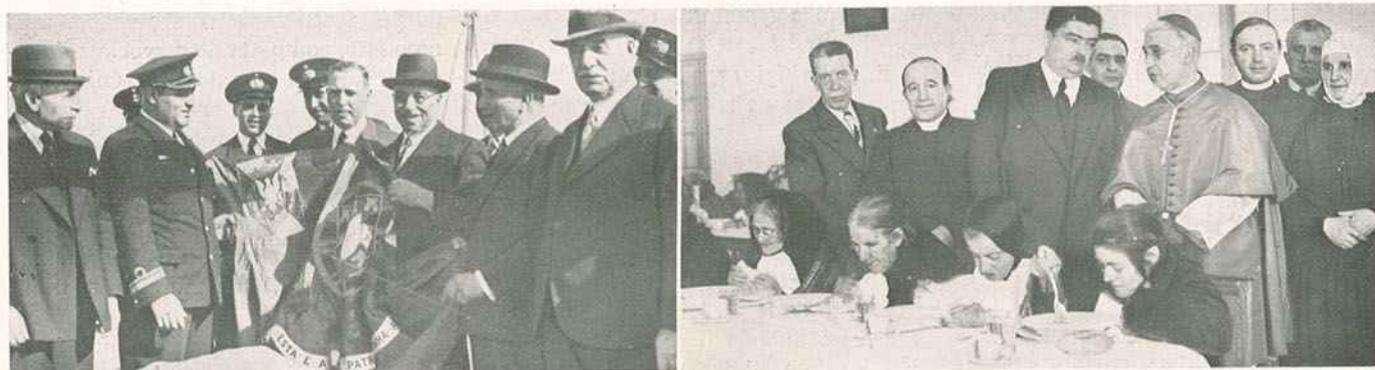
Quanto aos outros eram entregues ao braço secular, montados em jumentos e conduzidos à praça do Quemadero, onde estavam preparadas tantas fogueiras quantas as vítimas...



## NOTÍCIAS DA QUINZENA



Os srs. Presidente da República e ministro interino da Educação Nacional com as senhoras que tomaram parte no sarau do «Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra» realizado no Teatro Nacional, que constituiu um dos mais belos números da «Quinzena de Coimbra em Lisboa». Falaram, entre outros, o prof. dr. Manuel Lopes de Almeida e o grande poeta Afonso Lopes Vieira, sendo representados dois autos e uma farsa de Gil Vicente e «Os Anfitriões», de Camões. — A' direita: O chefe do Estado, durante o referido sarau, apondo as insignias da Grã-Cruz de Sant'Iago ao ilustre poeta Eugénio de Castro.



O Governador Civil de Aveiro entregando ao comandante do contra-torpedeiro «Vouga» a bandeira de honra oferecida por aquela cidade e que se destina a ser arvorada em ocasiões solenes no referido barco de guerra. — A' direita: Os srs. ministro do Interior e Arcebispo de Mitilene na sua visita ao Asilo das Irmãzinhas dos Pobres, onde se realizou uma interessante e carinhosa festa aos velhinhos ali internados.



O sr. embaixador e a senhora embaixatriz de Inglaterra, com a pintora inglesa Evelyn Ruffer, na sua visita à exposição inaugurada no Secretariado de Propaganda Nacional. — A' direita: O almirante Richmond com o comandante da Escola Naval e o adido naval inglês na visita que fez à Escola Naval do Alfeite e que lhe mereceu as mais calorosas referências.

# ACTUALIDADES

---

## DA QUINZENA

---

O sr. Cardial Patriarca, saíndo do "Vulcânia", no seu regresso de Roma, onde fôra tomar parte no Conclave que elegeu o Santo Padre Pio XII. — *Ao centro*: O sr. Ministro da Educação Nacional, desembarcando no "Vulcânia", que o conduziu a Lisboa após as festas da coroação do novo Papa. — *Em baixo*: A multidão aguardando o regresso do sr. Cardial Patriarca e do Ministro da Educação Nacional

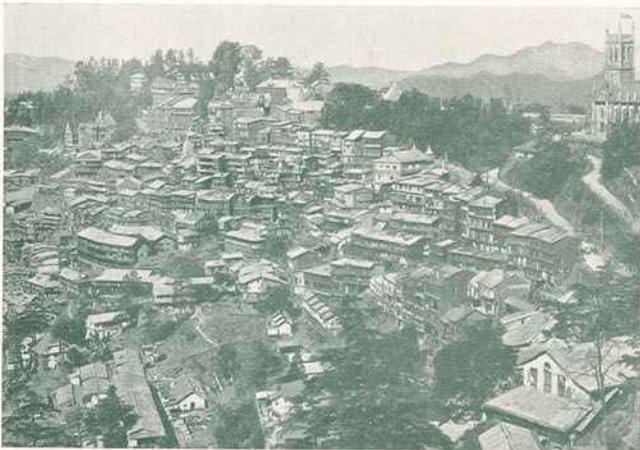




O Mahatma Gandhi

## II

QUANDO Gandhi se retirou para África e ainda durante muito tempo considerava-se subdito absolutamente leal do Império Britânico. Durante a guerra dos boers, trabalhou na organização dos serviços médicos, em favor das forças britânicas; foi citado pela sua coragem na linha do "front", e em 1914, foi a Londres oferecer-se para organizar um corpo indiano de ambulância. No Sul de África sofreu a miude do preconceito britânico contra os homens de cor e era muitas vezes tomado por um *coolie* ou carregador. Succedeu-lhe não o quererem alojar nos hotéis.



Um aspecto de Simla, a estuante capital do governo da Índia

Foi no entanto durante os anos de África que o seu espírito amadureceu e que tomaram corpo as duas doutrinas que haviam de regular mais tarde a sua vida. A leitura do filósofo inglês Ruskin e o russo Tolstói operaram uma grande influência na educação do seu espírito.

Nesta altura, Gandhi tinha conseguido fama como advogado e fazia por ano umas cinco mil libras. Mas abandonou esta situação para se colocar à frente de uma colónia agrícola destinada aos seus concidadãos pobres, onde se praticavam virtudes simples.

Instalado novamente na Índia, começa então o seu interesse pelo nacionalismo pátrio. Colocou-se em luta directa contra a autoridade britânica e levantou em todo o país um movimento tremendo na defesa dos direitos dos indianos. Fundou o periódico *Indian Opinion* e escreveu o seu primeiro livro *Hind Svaraj* ou "A independência hindu". Era então considerado o chefe do movimento nacionalista e aprofundou os seus conhecimentos dos livros sagrados hindus. Como na sua prática de advogado tinha observado que a parte vencedora nunca recebia a totalidade porque pleiteara, devido às enormes despesas nos tribunais, preferia sempre chegar a um acordo entre as partes.

"A verdadeira função do advogado — dizia ele — é conciliar as partes. Os meus esforços convergiram sempre nesse sentido."

A sua preocupação a respeito da dieta a adoptar era constante e causava-lhe verdadeiras angústias. Procedia a inúmeras experiências até que abandonou o uso do sal, do chá e as refeições depois do sol pôsto. O leite de cabra pareceu-lhe um alimento ideal mas não foi sem uma grande luta no seu espírito que o adoptou. Se por um lado esse alimento se prestava à observância da *brabmacharya*, ou abstinência, por outro lado contrariava as suas convicções de

## IDOLOS DOS POVOS A VIDA DE GANDHI — O SEMI-DEUS INDIANO

vegetariano, visto que efectivamente o leite era de origem animal. A estas hesitações havia a juntar os seus esforços pela realização do seu voto de castidade.

Foi em 1914, aos 45 anos, que êle regressou à Índia. Em 1915 fundou a sua *Satyagraha* ou espécie de abadia perto de Ahmadabad; palavra inventada pelo próprio Gandhi e que significa aproximadamente "força da verdade" ou "alma da verdade".

Para essa instalação trouxe pobres incluindo os indianos sem casta ou aqueles em que não se pôde tocar sem se poluir. Os membros desta irmandade tomavam votos de nunca mentir, não praticar a violência, observar o vegetarianismo, praticar o celibato e abandonar os bens terrenos. Em 1917 era considerado pelo povo o *Mahatma* ou "Grande Alma".

Ao terminar a Grande Guerra produziu-se na Índia uma alta eferescência política. A Índia tinha-se portado, durante a Grande Guerra, com ininterrupta lealdade para com a Grã-Bretanha. Tinha concorrido com um contingente de 1.215.000 homens, dos quais 100.000 tinham caído no campo de batalha e a Índia, incluindo o próprio Gandhi, esperava que a Grã-Bretanha reconhecesse-lhe conferisse algumas regalias. Efectivamente a Grã-Bretanha cedeu então um pouco da rigidez das suas leis, mas o nacionalismo hindú não julgou essas concessões suficientes e o movimento por um governo nacional, que já começara havia algum tempo, continuou a alastrar. A Grã-Bretanha em face desta situação deu poderes especiais à polícia e a medida causou profundo descontentamento. A indignação fermentava nas ondas populares e Gandhi estava à frente do movimento, tendo declarado a *hartal* ou "greve geral, em protesto contra as medidas do governo britânico; no mês de Abril de 1919 morreram sob as balas da polícia várias centenas de habitantes e a Índia levantou-se com a *Satyagraha* ou desobediência civil.

A *Satyagraha* alastrou-se pelo país e Gandhi converteu-se numa arma política e numa força espiritual. O povo ia para a revolução mas o Mahatma veio indicar-lhe o caminho. O domínio de si próprio pela abnegação e o grito da não-violência eram teorias que o povo hindú compreendeu por instinto porque na alma desse povo há uma parcela de masoquismo, que encontra determinado gozo no dor. Confrontava-se com o sentido íntimo da sua natureza.

Os ingleses, perante um povo que se deixava bater sem levantar uma mão, ficavam perplexos. ¿Que fazer? Em redor das prisões havia milhares de indianos moços, que pediam que os prendessem.

Os preceitos de Gandhi a-respeito da sua *satyagraha* ou resistência passiva excede o que o espírito das nações ocidentais pôde compreender. Segundo esses preceitos não se deveria dar abrigo a ressentimentos; não se deveria responder aos ataques mortíferos; voluntariamente se deveria entregar à prisão; nunca se deve insultar o adversário e o povo havia de ajudar as forças britânicas contra aqueles que tivessem abandonado ou não praticassem esses preceitos.

Gandhi estava convencido que a sua política havia de obrigar o governo a retroceder e a reparar o mal. O governo, porém, não retrocedeu e o Congresso Indiano votou a *Swaraj* que significa o "governo nacional", e delineou um programa de medidas práticas que haviam de ser realizadas sob a chefia de Gandhi.

Os indianos resolveram boicotar os artigos ingleses; não mandar os filhos às escolas inglesas; não comparecer nos tribunais; abandonarem todos os empregos com ingleses; não pagar impostos; substituir títulos honoríficos ou outras honrarias e sobretudo usar só fazendas tecidas nos teares indianos.

As importações inglesas diminuíram de uma forma ameaçadora e a renascença dos antigos teares nacionais trazia vida nova para as aldeias e levantava o orgulho nacional. A nação vibrava dirigida pela política patriótica e astuta de Gandhi.

Em 1922 foi preso pelas autoridades inglesas; já o esperava e eis as suas palavras por essa ocasião:

"Que motivos terá o governo para me prender? O governo não é meu inimigo, mas está convencido de que eu sou a alma de todo o desassocção na Índia e que arredando-me do meu povo conseguirei a paz, para governantes e governados. Desejo que o povo se mantenha digno e imperturbável e que o dia da minha prisão seja um dia de júbilo nacional."

Foi preso e processado; ao delegado, que representava o governo, declarou que os seus crimes eram muito superiores áqueles de que o acusavam; grave e sem a menor alteração da voz insistiu com o juiz para que lhe applicasse o máximo da pena.

O juiz compreendeu a atitude do Mahatma e usou de igual cortezia para com o réu mas, cumprindo a lei, condenou-o a seis anos de reclusão e Gandhi agradeceu.

Gostava da prisão; trazia-lhe soçego e o isolamento, que apreciava; na prisão sentia-se "feliz como um pássaro". Surgiu, porém, a doença e teve de sujeitar-se a uma operação de apendicite e o governo inglês deu a pena por terminada em 1924.

No ano seguinte submeteu-se a um je-

jum ritual de 21 dias para com o seu sacrificio harmonizar um desentendimento entre hindus e muçulmanos.

"A penalidade que a mim próprio impuz — escrevia êle — é um aviso a hindus e muçulmanos, que dizem ter-me amor.. Todo o continente hindu esperou durante três semanas com sentida emoção; ao vigéssimo primeiro dia o Mahatma quebrou o jejum com suco de laranja mas o seu estado de fraqueza era tal, que não lhe foi possível pronunciar uma palavra.

Seguiram-se depois cinco anos de luta até que o governo britânico decidiu mandar à Índia uma comissão que havia de estudar e preparar uma nova Constituição.

Em 1930 o Congresso Indiano declarou-se pela independência completa e ao mesmo tempo o governo britânico declarou que considerava como única solução para a Índia continuar esta a ser uma parte do domínio britânico.

A declaração provocou novos distúrbios e grande descontentamento. Era vice-rei da Índia Lord Irwin a quem Gandhi escreveu, tratando-o sempre por caro amigo, comunicando-lhe que considerava o domínio inglês uma desgraça para a Índia. Apresentava novas propostas, rejeitadas pelo governo e em 1930 implantou-se de novo a "desobediência civil".

Começou esta pela *marcha do sal*. O sal era monopólio do governo e o seu imposto muito elevado caía pesadamente sobre o povo; Gandhi tomou portanto o sal como um símbolo.

A "marcha do sal" é um incidente histórico empolgante: Com um grupo considerável de adeptos o Mahatma descalço atravessou vagarosamente o país em direcção ao mar. Ao começar esta peregrinação Gandhi tinha dito: "De joelhos pedi pão ao govêno e êle entregou-me uma pedra".

Quando chegou ao mar, com os seus adeptos, ajoelhou e da água salgada fez sal, apesar do monopólio do governo, que proibia aos particulares o fabrico do sal. A onda de "desobediência civil" que se seguiu, levou toda a Índia a um grande estado de anarquia, sem conseguir realizar cabalmente o seu intento.

No ano de 1934 as várias insurreições tinham sido afogadas em sangue; as prisões andavam repletas; o governo brita-



Gandhi visto por S. D. Banks

nico mantinha a ordem pelo terror e o país estava exausto.

Deram-se então acontecimentos que caminhando separadamente vieram a encontrar-se e harmonisar-se.

A Grã-Bretanha impôs uma nova constituição em bases muito favoráveis para os seus súbditos hindus, que os conduzia em melhores condições no caminho de um governo nacional e por seu lado em 1937 o Congresso Hindu, sob a chefia de Gandhi, declinava nas suas exigências e prestava-se a colaborar no novo estado criado pela nova constituição.

O resultado, pois, da desobediência foi uma *compromisso* em que cada uma das partes cedeu alguma coisa das suas primitivas exigências até chegar a uma combinação, que a ambas satisfizesse, pelo menos transitóriamente.

ADOLFO BENARÚS



Vista do palácio do vice-rei inglês, em Nova Delhi no qual Lord Irwin, hoje Visconde de Halifax, habitou. É esta habitação conhecida por "Blackingham Palace" da Índia

# PÁSCOA FLORIDA

**D**ois dos dias negros e tristes da Semana da Paixão, da comemoração dos tormentos que sofreu Deus pelos homens, em que a Igreja veste o luto de Jesus Cristo e vive passo a passo os tormentos da sua Via Dolorosa e em que todos crentes e ateus sentimos a impressão de tristeza, porque vinte séculos de ancestralidade não passam em vão, e, todos comemoram a paixão e sofrimentos de Nosso Senhor Jesus Cristo embora muitos o neguem.

Os crentes sentem com a alma os sofrimentos que o mal da humanidade causou. Aquele que se quis sacrificar pelos homens, os que não crêem ou fazem profissão de não crer, sofrem sem mesmo o quererem confessar a impressão que lhes é transmitida, pelos seus maiores, pelos que atravessaram séculos, numa crença profunda e que a transmitiram de pais para filhos e apesar dessa crença em muitos se ter pouco a pouco diluído, a verdade é que a Semana Santa é por tradição ainda que o não seja por Fé, um tempo triste.

Gente vestida de negro, igrejas revestidas de roxo, sinos tristes a tanger, por cidades vilas e aldeias, uma névoa de melancolia em tudo, embora o tempo esteja lindo e a primavera rutilante se tenha feito anunciar.

Mas lá vem o Domingo de Páscoa, e florido, alegre, cintilante, ele põe nas almas a alegria que tinham perdido. É a festa da Ressurreição. Cristo vive de novo, e a sua vida gloriosa, sentese na alegria dos sinos, na força viva do sol, nas cores vibrantes das flores.

Depois da tristeza, a alegria, e, todos a sentimos ecoar nas nossas almas, com a consciência do que ela representa, os crentes, na ignorância e na inconsciência, os que o não conhecem ou não querem conhecer, mas que por tradição festejam esse dia.

Porque não há ninguém que não vivendo uma época de dor particular, não festeje o dia de Páscoa, num jantar no remanso do lar, os que apreciam a vida de família, em festas publicas aqueles que gostam de se divertir e festejar a vida no ruído alegre da vida moderna.

Para os crentes, os que têm no atravessar nem sempre sorridente da vida o amparo da Fé, a Ressurreição de Jesus Cristo é um símbolo de Esperança. Depois dos negros dias da tormentosa Paixão, a Ressurreição gloriosa, representa a vida eterna.

E para quem sofre na vida tanta amargura e a sofre como cristãmente se deve sofrer, sente a Esperança da vida Eterna nesse dia em que se festeja a Ressurreição de Cristo, na alegria florida de campos e jardins, no chilrear garrido da passarinhada que na festa da natureza se eleva para Deus, e, sente-a também profundamente no perfume que se evola das flores nessa Páscoa florida.

É mais com a alma do que com os olhos que nos encantamos com a luz forte do sol, as cores maravilhosas das flores, o verde esmeralda dos campos que a primavera esmalta dos mais brilhantes matizes.

É a Esperança que se festeja na Páscoa, essa Esperança que dá aos crentes forças para os mais heroicos martírios e coragem para sorrir através de todas as desilusões da vida.

Para os que não creem basta-lhes o alegre repicar dos sinos, basta-lhes a festa da natureza em flor, mas sem o quererem lá vem a festa que simboliza a Esperança, desanuviando-lhes o semblante e leva-os a pensar, que é alegre e encantadora a festa da Páscoa.

Porque a propria vida nos apresenta com os seus cambiantes vários um símbolo desta festa, se a vida é toda feita de contrastes, e, tão variados eles são!

Há dias de tristeza cinzenta sem que se possa explicar a causa dessa bruma que nos envolve. Está-se triste e porquê? Não se sabe, são coisas que nos vêm de longe, de tão longe mesmo, que não sabemos de onde elas nos chegam.

Há dias de lágrimas e de dor, dias de tristeza pungente, desgraças que nos ferem até ao fundo da alma, onde deixam as suas cicatrizes tão difíceis de curar.

Há épocas serenas em que a vida decorre num sussurro tranquilo de regato que corre em dia quente e suave entre margens floridas, vida suave, que não apreciamos senão quando a perdemos.

E há ainda as grandes e luminosas alegrias, essas alegrias, que sacodem a alma como o vento sacode as árvores floridas fazendo-as espalhar pétalas multicores e perfumes inebriantes, alegrias que deixam na vida uma luminosidade, que o decorrer do tempo não obscurece.

Essas são as santas e puras alegrias das almas tranquilas e seguras, das almas que vivem dentro do caminho sagrado do dever, porque só essas alegrias perduram sem o travo amargo do arrependimento.

As tristezas que nos envolvem, os desesperos que nos sacodem e que nos prostam são os dias anargos da paixão, são os sofrimentos que muitas vezes buscamos e de que somos culpados.

A nossa paixão não é pelos outros que a sofremos, a exemplo do Mestre Sublime, que expiou, não o mal que Ele fizera, mas sim o que os homens tinham feito e fariam através dos tempos, mas quase sempre é a expiação do mal que fizemos, conscientemente umas vezes, e, arrastados pelas paixões humanas outras.

E nesses dias de angustias, nós sofremos com dobrado suplício, aquele que nos dá a certeza de ter merecido o sofrimento.

Mas nem a suave doçura duns dias tranquilos, a alegria esufiante de inesperados bens, e, é a nossa Páscoa florida que simboliza a Esperança da Ressurreição nesses dias de tranquilidade serena ou de alvorçada felicidade, nós esquecemos na alegria os males sofridos, os sorrisos desabrocham, os risos cantam, e, lágrimas se as há, são essa doce manifestação do bem-estar, que inunda a alma contente e feliz.

Na natureza o mesmo se dá, o inverno é a sua paixão. Ventos gélidos, tempestades de neve, climas glaciais, que tudo inundam, granizadas que castigam a terra como chicotadas, os dias pequenos e negros, brumosos e tristes, a terra arrepiada parece chorar nas algidas noites de Dezembro e Janeiro, o luto envolve o arvoredo nos veus de gaze do nevoeiro, que se agarra aos seus esqueletos sem folhas nem flores.

Mas vem a Primavera, a Páscoa florida que trás a esperança dos dias bonitos que se avisi-

nam e tudo muda; a terra negra cobre-se dum manto esmeraldino de veludo verde, que as florinhas de cores diversas, matizam de rico bordado, o sol brilha espelhando-se nas águas tranquilas, a atmosfera dum azul resplandecente dá a tudo a luminosidade intensa que alegre e satisfaz.

As árvores cobrem os seus esqueletos do vestuário magnifico da folhagem verde e brilhante que as flores esmaltam, a natureza em festa, pelo canto das aves, repica o sino da sua Páscoa florida, tão bela e tão rica, que é como uma promessa de Deus aos homens.

«Sofram, que após o sofrimento vem a alegria», E assim é, porque se a vida fôsse uma fonte perene de alegrias e felicidade, nós acabaríamos, por não compreender o bem que nos rodeava e não sentiríamos a alegria de ser felizes. É o contraste entre o Bem e o Mal é o contraste entre a alegria e a tristeza, que fazem com que se aprecie melhor a felicidade.

E os que nunca a tiveram na vida aqueles que a miséria negra envolve e que um triste destino esmaga, têm também as suas horas melhores e que sintam bem que para eles a Páscoa florida é também uma esperança de Ressurreição.

A vida quer deslize, como um regato tranquilo entre floridos campos, ou seja sacudida como um mar tempestuoso em dia de temporal, tem um fim, e, após ele espera-nos a Ressurreição numa Páscoa florida.

É ao contemplar a tristeza infinita do quadro que se nos depara, de Cristo, morto nos braços de sua Mãe e dessas lágrimas tão amargas, as mais dolorosas que podem tratar de um coração despedaçado, ao sentirmos a Dôr tão profunda da Mãe de Deus, simbolo de todas as dores humanas, pensemos também na Sua alegria sem igual ao ver Seu Divino Filho Ressuscitado, e que a dôr se transforme num grito de Fé e Esperança, que a Caridade por todos os que sofrem animará.

E esperemos a Páscoa florida com o seu repicar de sinos alegres, com as sinetas que pelas aldeias vão de casa em casa levar a Bênção de Cristo Ressuscitado, e que são como um rio de Amor e uma alvorada de promessas.

Páscoa florida, envolta na gaze rósea da madrugada, que envolve o manto de veludo da terra, que ela ecoe de montanha em montanha, de vale em vale e que por todo o mundo se levante um rio de alegria, Páscoa da Ressurreição, Esperança dos fideis, consolo dos tristes e alegria dos felizes.

As almas, purificadas pelo sofrimento, encontrarão o único amparo seguro na sua fé, pois só a fé nos defende e redime enquanto houver mundo e, conseqüentemente, maldade.

MARIA DE EÇA.



Cristo morto (Quadro de Sandro Botticelli)

# ACONTECIMENTOS DE ALÉM-FRONTEIRAS



O avião «Côte d'Azur», atravessando o canal da Mancha, com o Presidente Lebrun na sua visita a Londres



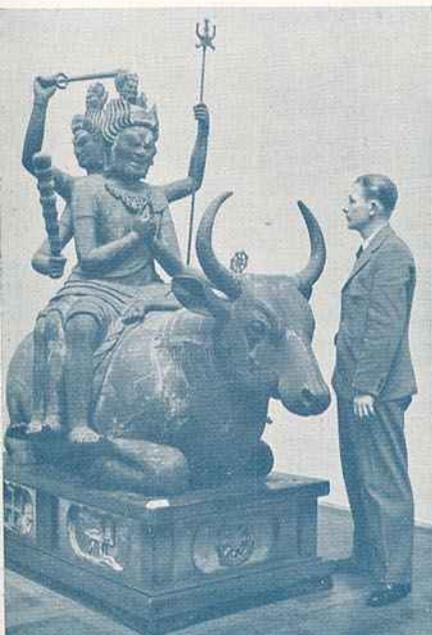
O Presidente Lebrun com sua esposa, ladeado pelo rei Jorge VI, rainha e princezinhas Izabel e Margarida Rosa



O cheik Ben Gana, descendo dum avião no aeródromo de Bourget, na intenção de passar alguns dias em Paris



Na sua chegada a Douvres, o Presidente Lebrun passa em revista um destacamento da marinha britânica



Estátua nipônica do ano de 1180 que figura na actual Exposição de Arte da Ásia Oriental em Berlim



Hitler saindo o marechal Goering na celebração do Dia da Aviação Alemã, que teve um alto significado



Léon Berard, acompanhado pelo cônsul geral francês em San Sebastian, saindo do ministério dos Negócios Estrangeiros



A galeria era bastante escura. Pendiam das paredes altas, forradas a carmezim, grandes quadros a óleo, com cercaduras douradas, telas enegrecidas a que a luz difusa, coada pela janela do fundo, aberta entre cortinados grossos, não aclarava os contornos.

Atravessei serenamente a tortuosa quadra. Habituar-me já àquelas velhas figuras doutras eras, hieráticas e positivas; familiarisara-me com a palidez das formosas de toucados altos e forte peito a descoberto; quasi estimava as nevadas barbadas que se espalhavam sobre as armaduras reluzentes dos cavaleiros.

Quasi todos eram idosos. Sòmente havia dois de criança e um que representava um moço na flor da idade, cavaleiro cujo buço arrogante mal despertava no lábio desdenhoso e fino.



Êste era o mais simpático de todos. A expressão affectuosa do olhar claro, parecia brilhar através do tempo e da morte; o nariz aquilino, a boca imperiosa, o aspecto donairoso do corpo revestido por branca armadura contrastando com a negridão do corcel imponente, cujas narinas fumegavam, tudo me dava a sensação duma vida ardente e boa.

Gostava de o ver ali e instintivamente, quando passava diante d'êle, buscava o olhar másculo donde partia uma saídade protectora e às vezes, sentada na minha mesa de trabalho, conversava com êle.

Conhecia-lhe a história, a mais simples de quantas ali se desenrolavam, nessas figuras de sonho e evocação, talvez por ser a mais pequena a sua vida.

Morrera assim, com vinte e seis anos, belo, sedutor, corpo de amor numa alma de paixão. Como? Sabiam-no vagamente. Partira um dia, pelo mundo e voltara cadáver...

Os irmãos, envelhecendo, não falavam d'êle, e envolviam o retrato do extinto num olhar nublado de lágrimas.

Por baixo havia uma legenda.

— D. Fernando do Valdolado.

E era tudo.

Nessa tarde, como de costume, sentei-me ao fundo, junto da janela, encostada à minha mesinha, pronta a trabalhar. Sentia-me cansada, e antes de pegar na caneta encarei o moço cavaleiro.

Ilusão? Miragem? Rebate longínquo vindo do misterioso além? Não sei.

Simplemente me pareceu que o olhar claro do mancebo se pousou sobre o meu e que a boca se entreabria para falar.

Procurei fugir a essa alucinação. Debalde. Os olhos fixavam-me, havia neles vida, alma, império. A minha mão, trémula, largou a caneta, sentia-me desviar...

## UM SONHO... OU TALVEZ NÃO

# O CAVALEIRO ENAMORADO

E então uma voz triste, grave, infinita, falou para mim.

E o drama lancinante do juvenil cavaleiro desenrolou-se ante meus olhos, nas suas palavras maguadas...

Manhã suave e luminosa.

Fernando, o filho mais novo do nobre conde de Valdolado, descia tranqüilamente a escadaria que levava ao jardim.

Era alto como o pai, mas mais belo, mais airoso, mais insinuante.

Palpitava-lhe de ansiedade o peito. Desde a véspera, desde o minuto cáldio em que na sua boca afloraram pela vez primeira os lábios de Clarisse, quão delicioso era o sentimento que lhe enchia a alma!

Amava... era amado!

Oh! Magnífico enleio que o espírito nos arrouba em transporte de delícia, nessa deslumbrante certeza!...

Jóvem asceta puro e casto, nunca até então Fernando se deixara prender pelos quebros e olhares das donas e donzelas; suas formosuras não o atraíam, seus atractivos não o acorrentavam. Permanecia indiferente a tanta graça.

Torneador ousado, caçador destro, poeta mimoso, Fernando em nada se parecia com os irmãos, Jaime e Henrique, turbulentos e aguerridos, insolentes e autoritários, desbragados e mateiros a quem mais duma inocência se vira sacrificada.

Uma certa animosidade, centelha lógica brotando dos seus ânimos diferentes, existia entre os rapazes mais velhos, e o fidalguinho atencioso.

Fernando era solitário e triste, e triste e solitário vivera até aos vinte e cinco anos.

Mas, um dia, quando se embrenhava por um matagal, ouviu gritos aflitivos. Acorreu, solícito, e deparou com Clarisse, a filha duma aia de sua mãe, presa pelas saias nas silvas emaranhadas duma ribanceira.

Clarisse era quasi uma criança. O seu corpo tinha a esbeltez deliciosa dos quinze anos, os seios pequeninos arfavam recatadamente sob a transparência da camisinha onde se aninhavam, apertados em colete grosso, e os cabelos em volta da cabeça formosíssima, do rosto cândidamente fresco, pareciam raios de sol materializados em caracóis.

Fernando conhecia-a de há muito, dos tempos em que, tamanina e brincalhona, ela ia sentar-se-lhe nos joelhos, escutando

de olhos arregalados as baladas que êle cantava.

E tinha-lhe uma afeição intensa, feita de protecção e carinho, de força e ternura, de comção por tão deminuta bo-nequinha de carne.

A pequenita, por seu lado, sentia-se felicíssima junto d'êle, e sempre lhe dizia, num balbúcio tímido:

— Não saias de ao pé de mim... Gosto tanto de conversar contigo!

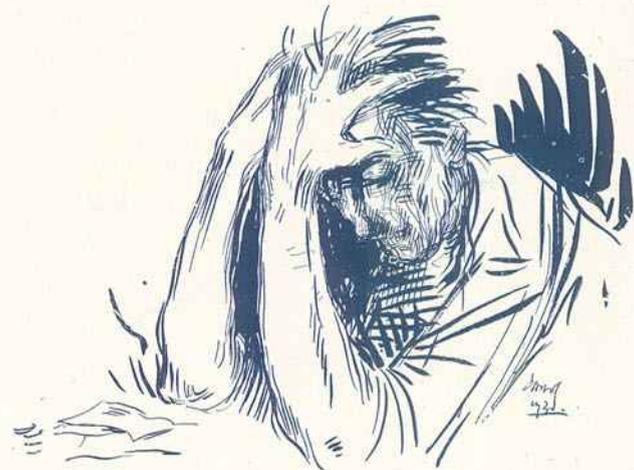
Ultimamente, ela evitava-o um pouco, ruborizava-se quando êle se aproximava, tremia se as mãos de Fernando lhe tocavam. Mais perspicaz do que o belo rapaz, ela comprehendia vagamente que estava ali o seu destino.

Fernando não se apercebia de coisa alguma.

Ela era sempre a pequenita gentil que êle adorava! Mas naquele dia, a graça que achou de a ver prisioneira, fez-lhe pulsar de modo estranho o coração.

Cingiu-a com os braços para a libertar, sentiu o peitinho dela arfar-lhe de encontro ao coração, a delicadeza da cintura frágil quebrava-se-lhe entre os dedos, e então, sem saber como, inclinou-lhe a cabeça para traz e os lábios foram pousar nos dela.

E o deslumbramento começou. O amor, em tôda a sua veemência



fascinante, abriu-lhe horizonte de ventura.

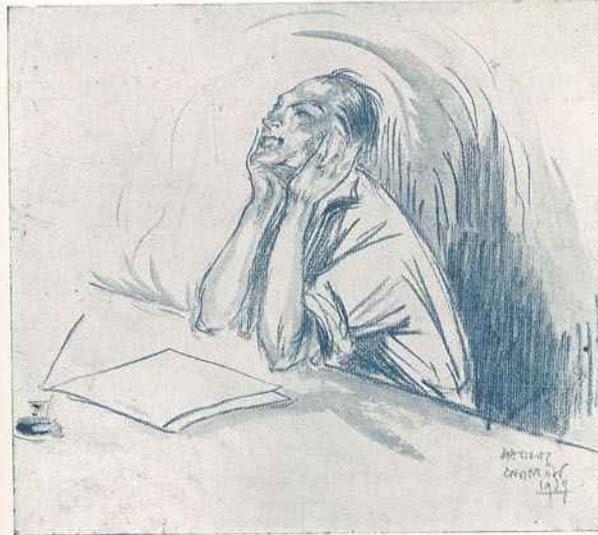
Por isso naqueles momentos luminosos, revendo o minuto doirado, Fernando descia, sorrindo, a escadaria que levava ao jardim.

Breve voltaria a vê-la... e então... Levantou a cabeça bruscamente.

Parcia-lhe ter ouvido pronunciar o seu nome. Olhou em redor. Vinham vezes dum banco que umas sebes ocultavam. Eram dos irmãos.

Dirigiu-se para lá, mas parou, movido por indefinida angústia.

O mais velho parecia gabar-se de qualquer coisa que o outro aplaudia.



— Ela tentou resistir... mas os meus braços são fortes... Clarisse é minha! É minha!

Fernando estremeceu todo. O rosto crispou-se-lhe numa dor medonha, que a ira aumentava.

— Clarisse! A sua bem-amada! Então, lançando o corpo por entre as sebes, desembainhou a espada sobre o miserável.

— Desgraçado! — clamou — Desgraçado! Pagarás com a vida a tua villainia.

Mas a espada vingadora não desceu. Do palácio vinham gritos duma dor atroz, um clamor que lhe suspendeu o gesto fraticida.

— Matou-se! — gritava alguém — Matou-se!

Fernando compreendeu. Lúcido, voltou a colocar a espada na cinta, e poisou no irmão o olhar amargo.

— Pois que morreu — disse, friamente — Deus te castigará!

E voltando as costas, sumiu-se na espessura dum matagal próximo.

No palácio, ninguém mais soube d'êle. Meses depois, tiveram a notícia de que o moço cavaleiro morrera em peleja, defendendo donzela ou dona ultrajada...

Dizem que adormeci, que estava adormecida junto da mesa, e que sonhei tôda esta história.

Verdade? Mentira? Não sei, não consigo dizê-lo.

O sonho, muitas vezes, é a visão clarividente duma oculta verdade... E, nos olhos do moço cavaleiro D. Fernando de Valdolado, é êste o drama que eu leio.

ODETTE PASSOS DE SAINT-MAURICE

# ATRAVÉS DO MUNDO



Jovens catalãs do «Auxílio Social em Barcelona» distribuindo víveres à população da cidade ducal, após a sua libertação pelas tropas nacionalistas.



Estado em que se encontrava a Catedral de Mahon em Minorca, convertida em garage e depósito de materiais de fortificação, destroços e entulho.



Kennedy (ao centro) embaixador dos Estados Unidos em Londres, apeando-se dum avião no aerodromo de Bourget. De Paris, Mr. Kennedy seguiu para o Vaticano.



Estado em que ficou um comboio de mercadorias na linha Paris-Cerbère. O descarrilamento foi provocado por um boi que se atravessou diante do comboio.



Chegada a Roma da missão lituana que foi assistir à coroação de Sua Santidade o Papa Pio XII.



Um aspecto da tradicional bênção dos automóveis no decurso da festa de Santa Francisco Romana em Roma.

# Quando a gente pensa...

QUANDO a gente pensa, logo nos vem à idéia o exame do nossa consciencia, e logo olhamos em volta, e vemos quanta incompreensão e quanta maldade nos rodeia.

O que julgávamos amor é só um prurido dos sentidos, o que pensávamos amizade é apenas um laço armado à nossa sensibilidade, que almas inferiores exploram desapiedadamente, voltando-nos as costas assim que de outro lado lhes sopra bom vento para novas explorações.

E faz pena ver como criaturas, com recursos de inteligência para virem a ser alguém, inutilizam tôdas as suas probabilidades de triunfar na vida, por uma falsa compreensão da própria vida, e uma orientação errada.

Rapazes que poderiam andar desassombradamente por essas ruas, de cabeça levantada, esgueiram-se a medo por bêcos e travessas, para não tropeçarem com êste a-quêem devem dinheiro, com aquele a-quêem devem uma gratidão infinita pelo seu socorro material envolvido na mais acrisolada afeição, e a-quêem pagaram com uma patifaria, quando não com um insulto torpe.

Mulheres que se julgam diminuídas, quando por elas se roça uma desgraçada que se vende para ganhar o seu pão, e que não hesitam em atraiçoar o homem que lhes deu o seu nome com o seu amigo mais íntimo.

Cada um arranja para si uma moral para seu uso, moral errada que fácil seria substituir pela verdadeira, se pensassem um pouco detidamente, e depressa veriam que não valia a pena sacrificar a tranquilidade da sua consciencia, por prazeres que na aparência os satisfazem, mas que realmente os degradam sem remissão.

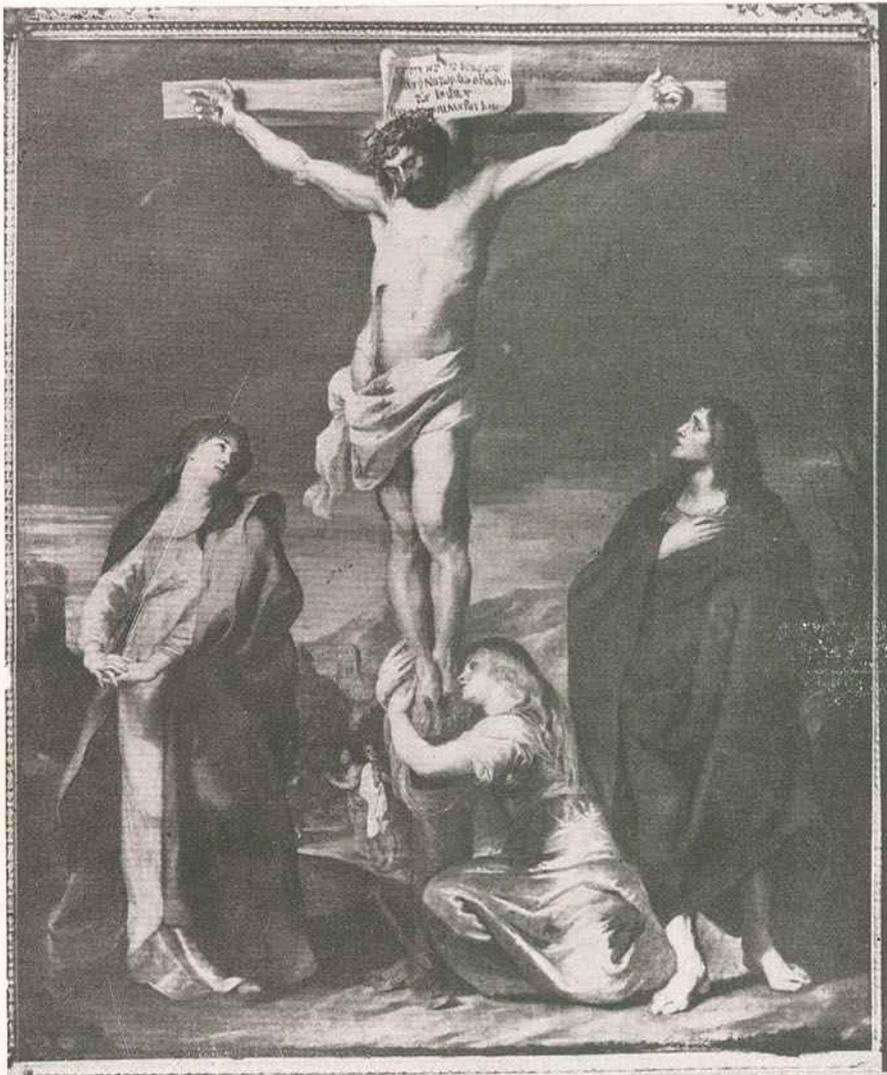
Nesta quadra do ano, depois das folias do entrudo, quando os sinos festivos anunciam a ressurreição de Jesus, em mais um glorioso aniversário da cristandade, nós todos, mais ou menos culpados, mais ou menos pecadores, sinceramente arrependidos, devemos voltar os olhos para o doce Crucificado e rezar constrictos.

E todos os que têm filhos, e querem que êles vivam na paz da consciencia, devem ensinar-lhes a história de Jesus, como nos lindos versos de João de Deus, o poeta da suavidade e da ternura:

— Minha mãe, quem é aquele  
Pregado naquela cruz?  
— Aquêle, filho, é Jesus?  
É a santa imagem dêle!

— E quem é, Jesus? — É Deus  
— E quem é Deus? — Quem nos cria;  
Quem nos manda a luz do dia  
É fez a terra e os céus;

E veio ensinar à gente  
Que todos somos irmãos,  
É devemos dar as mãos  
Uns aos outros, irmãmente.



Cristo na Cruz, por Pedro Paulo Rubens — Museu do Louvre

*Todo amor, todo bondade!  
— E morreu? — Para mostrar  
Que a gente, pela verdade,  
Se deve deixar matar.*

O tempo que vamos vivendo é de molde a que elevêmos a nossa alma acima da lama da vida material.

Que todos os que não perderam ainda a fé me acompanhem neste hino ao divino filho de Maria:

— Jesus! como foi vão o teu cruel suplício!

Querias salvar a gente do pecado original, lavar das impurezas a inteira humanidade.

Mas ela desnoiteou e nunca correspondeu ao teu sentir piedoso.

E, a cada dia que passa, o mundo é mais amplo antro de feras que se mordem cruéis por uma cõdea mais, sem pensar sequer em que os seus irmãos também precisam comer, como diz um céguinho que esmola por essas ruas:

— "Comprem uma cautela ao céguinho, que também precisa de pão!"

E é êste o problema terrível, para uns tudo e nada para outros, quando o "tudo" e o "nada" dariam alguma coisa para todos, bem misturados.

E tu, divino mestre, se voltasses e visses o que por cá vai e o que fizeram

da terra divisa. — "Amai-vos uns aos outros" — se visses como o teu sangue correu, sem poder lavar as consciências de tanta maldade, talvez dissesses, mais uma vez, ao Pai misericordioso, que perdoasse.

Porque tu és a suprema bondade, que só concebe o perdão e nunca o ódio, nem o castigo.

Mas nós não merecemos teu doce sentir, teu carinho santo.

Somos tão maus, que nem a crença em ti, nem o teu amor nos faz recuar, no caminho do mal.

Jesus, meu Deus, não deixeis que o pecado nos vença.

Vós podeis tudo. Piedade, Senhor! Não nos deixeis descer mais fundo no abismo da loucura.

Vinde a nós, Senhor!

Nas vossas mãos entregamos as nossas almas.

Não nos deixeis cair na tentação da cubiça — origem de todos os malefícios que afligem a humana gente.

Salvai-nos, mais uma vez, Senhor!

E abençoado seja o vosso santo nome!

Abençoada a cruz em que expirastes!

Abençoado o fel que molhou vossos lábios sedentos! Amen!

MERCEDES BLASCO.



Rei Carol da Roménia

QUEM era Codreano, o Capitão, que os nazis, eternos inimigos da Roménia e do povo romeno, exaltam, procurando beatificá-lo na opinião ortodoxa?

¿Quem era Codreano, o chefe da Guarda de Ferro? A história do Capitão, espião e traidor, é muito simples. Filho de um polaco e de uma alemã, cem por cento estrangeiro, vagabundo, pária místico, saltador de aldeias e de conventos, violador de freiras, anti-romeno, anti-semita, anti-aldeão, discípulo de Cuza, Cornelius Codreano era o tipo acabado de saltador político, inimigo da pátria e do Rei.

O pai era ortodoxo; a mãe uma camponesa inculta e protestante. O próprio Codreano era um indeciso religioso,

a um passo ortodoxo e pagão, espécie de Raspoutine, criado nas florestas de Iassy e alimentado desde muito novo pelo pão espiritual de Cuza, o filósofo anti-semita.

Numa noite de febre, o vento a agitar com violência a floresta de Iassy, imaginou-se o enviado do Arcanjo S. Miguel, portador de uma mensagem destinada a soerguer o povo romeno, escravo da terra, da estepa, da floresta, árvore humana ressequida, isenta de energias, vítima, no dizer de Cuza e Codreano, de meio milhão de judeus, que arrastam e vivem o mesmo drama que afflige e atormenta o aldeão, escravo da terra e das cidades.

Codreano passou a sua juventude nas montanhas da Bukovine e num pequeno liceu situado quasi na fronteira da Rússia. Em 1919, após a guerra, Cornelius funda o primeiro grupo de teoristas, bandidos-patriotas que se reúnem nas florestas e entre as sombras decidem morrer ou matar, semear o terror e a morte.

Quando Codreano regressa a Iassy para se matricular na Universidade, o velho Cuza, professor de direito económico e anti-semita nato, carcomido e intoxicado chama-o, anima-o, atrai-o para a luta, incitando-o, fornecendo-lhe teoria e elementos dissolventes, inculcando-lhe na alma o veneno da inquietação e da desordem.

Foi um estudante miserável. Todos os dias, campeão do racismo num país de minorias, cosido pelo prestígio do Rei e da dinastia, provoca distúrbios, lança estudantes contra estudantes, fomenta a agitação, desagrada e destrói o espirito universitário.

No fundo de tôdas as desordens e na alma negra do traidor a presença do velho Cuza, maquiavélica e sinistra a de professor, espécie de sádico, acompanhando-o e emprestando-lhe força para continuar na sua obra de destruição e de revolta.

Formado em direito, Codreano, cujas

## Grandezas e misérias da Grande Roménia CODREANO, TRAIADOR CEM POR CENTO

mãos têm já as primeiras manchas de sangue, dirige-se para a Alemanha e é inspirado e aproveitado pelos nazis.

Esta viagem é decisiva para a sua vida: a Alemanha torna-o o erande inimigo da França e da Grande Roménia, criada e talhada pelo tratado de Versailles.

1923 é um ano de acção para Cuza e o Capitão: o parlamento romeno reconhece a todos os judeus os direitos ci-



Armando Calinesco

vis e, cometendo um acto nobre, concede aos israelitas os direitos de cidadãos romenos.

Começa a guerra. Codreano, orientado pelos serviços secretos de uma potência estrangeira, desencadeia uma luta sem tréguas.

A primeira vítima de Codreano é Manciu, prefeito de Iassy. O Capitão assassina-o em pleno tribunal, ferindo ao mesmo tempo os dois principais ajudantes do prefeito. Cuza defende Codreano, glorifica o crime cometido pelo seu discípulo querido e impõe a absolvição deste.

Os jurados, ameaçados de morte pela Guarda de Ferro, cujo símbolo era a Cruz gamada, absolvem Codreano, armando-o para novo crime.

Passados alguns anos de grande agitação, o pavor impõe o silêncio nas aldeias, Codreano funda a Liga do Arcanjo S. Miguel. De 1924 a 1928 a Liga de Codreano ameaça tudo e todos: os políticos e o parlamento tremem de medo. Neste último ano um dos secretários de Codreano fere mortalmente o Sub-Secretário de Estado, Angelesco.

No dia 30 de Dezembro de 1933 o Presidente do Conselho, Duca, amigo e colaborador de Bratiano, quando se dirigia para Sinaia é assassinado por Co-

dreano; tempos depois a vez cabe a Stelesco, antigo colaborador do Capitão, demitido da Guarda de Ferro por não concordar com os crimes de Cornélius.

A Guarda de Ferro procura o no hospital e assassina-o: Stelesco tinha sido operado de apendicite fazia oito dias.

A série de crimes cometidos por Codreano e pelos seus amigos não tem fim. Nas florestas da Roménia, na paz da noite, quando as árvores dormem, embaladas pelo vento, e o silêncio ronda e se ausculta a si próprio, Codreano e os seus amigos imolam judeus e romenos, dei-



Milita Constantinesco

xando sobre os corpos das vítimas a Cruz gamada.

A 3 de Março de 1937 os amigos de Codreano feriram o reitor da Universidade de Iassy, enquanto o Chefe sonha com a ditadura da Guarda de Ferro e se prepara para dirigir a Roménia e aliá-la a uma nação vizinha, constituindo o bloco anti-francês.

Cuza, o antigo mentor do Capitão, continua em Iassy. Não o minam os remorsos, a pesar de viver separado do enviado do Arcanjo S. Miguel: "Codreano, n'en parlons plus. Une chose nous sèpare à jamais: l'assassinat."

1937 é o inicio da queda: o ano trágico para Codreano. A Grande Roménia, abalada profundamente pelo sangue derramado pela Guarda de Ferro, sofre e procura salvar-se.

As nações doentes têm febre e sofrem como os homens. Vinha ainda longe a convalescença. Goga, o poeta oportunista, é o último sintoma da grande crise.

Feito presidente do Conselho, julga-se o próprio Codreano e conduz a Roménia para a queda. No silêncio do seu gabinete um homem está ao pulso da nação e segue-lhe as convulsões: êsse homem é o Rei. No ministério há outro homem, o único dêsse Govêrno que fixa a sua pátria doente e pensa nela e a procura salvar — Calinesco, actual Chefe do Govêrno.

É êle quem põe o Rei em contacto com a grei e lhe explica as causas da doença que abala o país.

Vice-presidente do Conselho de ministros, Calinesco não tem reservas para com o seu Rei: é leal e digno, conta-lhe tudo. E Goga é sacrificado.

O Rei lança as bases da nova Constituição corporativista. Aproxima-se o final de Codreano, a hora de expirar todos os seus crimes.

Codreano é preso, julgado e condenado a trabalhos forçados pelos crimes cometidos, pelo delito de espionagem a favor de uma nação estrangeira e pelo crime de traição à pátria.

Os legionários de Codreano tentam o último golpe: assassinam o reitor da Universidade de Cluj.

A paz tinha, porém, de voltar à Roménia. Uma noite, quando a polícia transferia Codreano e mais 12 presos da prisão de Ramnicul para a de Jilava, os amigos do Capitão procuram salvá-lo e atiram sobre a polícia. Esta defende-se e os presos são vítimas dos próprios amigos.

Nessa noite trágica para Codreano velavam o caminho as sombras de Vernicesco, de Duca, de Stelesco, dos reitores das Universidades de Iassy e de Cluj, daquele pequeno rabino, loiro e pálido, olhos azuis e tranqüilos, que rezava numa pequena sinagoga de uma aldeia fronteiriça da Rússia e de que os judeus não falaram porque era rabino e vivia numa pequena sinagoga, o próprio Arcanjo S. Miguel, outra vítima inocente dos manejos terrenos do espião. Velavam todos o caminho entre Ramnicul



O príncipe Miguel, herdeiro do trono

e Jilava, caminho que devolveu a paz à Grande Roménia, nação latina, irmã da nossa.

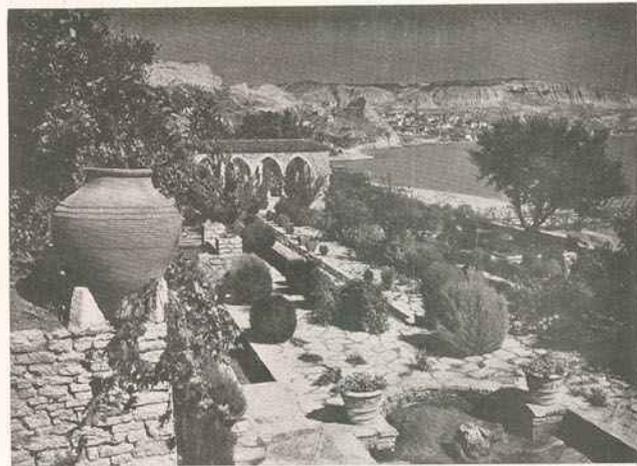
Nessa noite as florestas de Iassy dormiram tranqüilas: *l'homme au milieu des archanges*, morto à mão dos seus próprios correligionários, que o procuravam libertar da justiça humana, entregou a alma a Deus, se Deus a quis receber...

A Guarda de Ferro acusou injustamente Calinesco: êste, obreiro da nova Roménia, cumpriu a sua obrigação entregando ao traidor aos tribunais!

AUGUSTO D'ESAOUY.



Um trabalhador romeno



Um trecho do parque do castelo de Balcic



Maria Antonietta despidendo-se de seu filho na prisão

**A**GORA, que o cinema tomou à sua conta — e ainda bem — os grandes factos históricos, volta a falar-se da tristíssima existência de Maria Antonietta, a altiva austríaca que não soube fazer-se amar do povo francês de quem se tornara rainha.

As multidões, sorrindo ante o estendal de excessos da vida privada e desregrada dessa princesa, acaba por lagrimar ao vê-la pungir entre as agruras do cárcere.

Vem a propósito lembrar a curta vida do Delfim (o único inocente em meio de tódia essa intriga) e que esvoaça como uma borboleta de oiro através imensa fogueira que não tardará a queimar-lhe as asas.

O pequeno príncipe foi entregue ao sapateiro Simão que, ou deu cabo d'êlle — dizem uns — ou o deixou fugir — segundo outros — para subir ao trono da França, com o nome de Luiz XVII.

Nem uma coisa, nem outra. O sapateiro Simão não lhe deu fuga nem se arvorou em carrasco.

A existência que o príncipe levou, após a execução de seus pais, não foi feliz, isso



As últimas linhas escritas por Maria Antonietta num livro de orações

não foi. Bastava o encarceramento, para que ninguém a desejasse. Mas o Delfim morreu de morte natural, consoante documentos perfeitamente em ordem o autenticam.

Atendendo ao seu interesse, vamos reproduzi-los, desaparecendo assim a velha lenda de que, em vários pontos do mundo, existem ainda descendentes do filho do desventurado Luiz XVI.

Eis, no fim de contas, o que seapura:

A três de Junho de mil setecentos noventa e quatro (16 praerial) uma deputação da Câmara Municipal de Sens veio anunciar à convenção que os corpos dos pais de Luiz XVI, que estavam sepultados no coro da Sé, tinham sido desenterrados, e chamados depois da sua morte a uma igualdade (acrescentou o orador), que não tinham podido conhecer durante a sua vida.

Um membro da convenção propôs que se fizesse disto honrosa menção e se inserisse no boletim; e a convenção assim o determinou.

Passou-se um ano sem ouvir-se falar dos dois jovens presos no Templo; e sómente a nove de Junho de mil setecentos noventa e cinco, foi que Sévestre fez o seguinte relatório à convenção, em nome da comissão de segurança geral: "Havia já algum tempo que o filho de Capeto estava incomodado em razão duma inchação no joelho direito e no pulso esquerdo; as suas dores porém aumentaram no primeiro floreal (20 de Abril), o doente perdeu a vontade de comer e sobreveio-lhe febre. Foi chamado o bem conhecido official de saúde Desault, e encarregou-se-lhe que o fôsse ver e tratar: as suas luzes e a sua probidade nos affiançavam que não faltaria coisa alguma aos desvelos que são devidos à humanidade.

"A doença ia entretanto tomando um carácter muito grave; e no dia dezasseis do dito mês faleceu Desault. A comissão nomeou para substituí-lo o cidadão Pelletan, official de saúde mui conhecido, e deu-lhe para adjunto o cidadão Dumanagin, primeiro médico do hospital de saúde.

"Os seus boletins de ontem ás onze horas da manhã anunciavam sintomas mui assustadores relativamente à vida do doente; e ás duas horas e um quarto da tarde recebemos a noticia da morte do filho de Capeto.

"A comissão de segurança geral me encarregou de informar-vos d'êste acontecimento, cujo auto apresento.

A convenção ordenou que se depositasse no arquivo o auto apresen-

## MENTIRAS DO TEMPO DE MARIA ANTONIETA

# A LENDA DO FILHO DE LUIZ XVI

## Como e quando morreu o desventurado delfim da França

tado e que o relatório se inserisse no boletim.

*Auto da autópsia feita ao corpo do filho do defunto Luiz Capeto, redigido na Torre do Templo, ás onze horas da manhã do dia de hoje, 21 praerial (9 de Maio).*

Nós abaixo assinados, João Baptista Eugénio Dumanagin, Médico em chefe do hospício da Unidade, e Filipe João Pelletan, Cirurgião em chefe do hospício principal da Humanidade, acompanhados dos cidadãos Nicolau Jeanroy, antigo lente na Escola de Medicina de Paris, e Pedro Lassus, lente de Medicina Legal na Escola de Saúde de Paris, que convocámos como adjuntos, em virtude de uma determinação da comissão de segurança geral da convenção nacional, datada do dia de ontem, e assinada por Bérgeoint, presidente, e pelos membros Courtois, Gauthier e Pedro Guyomard, para procedermos todos juntos à abertura do corpo do filho do já defunto Luiz Capeto, e verificar o seu estado, procedemos do modo seguinte:

Pelas onze horas da manhã, chegámos todos quatro à porta externa do Templo, e fomos aí recebidos pelos commissários, os quais nos conduziram para dentro da Torre. Subimos ao segundo andar, e entramos num aposento, em cuja segunda casa achámos sobre uma cama o corpo

morto dum menino, que nos pareceu de dez anos, pouco mais ou menos, que os commissários nos disseram ser o filho do defunto Luiz Capeto, e que dois dos nossos colegas reconheceram pelo do menino,

a quem tinham tratado em naqueles últimos dias.

Os ditos commissários nos declararam que este menino morrera na véspera pelas três horas da tarde, e procurámos então verificar os sinais da morte, que com efeito achámos, caracterizados pela palidez geral, frialdade de todo o hábito externo, rijeza de membros, olhos baços, nódos lividários na pele, e principalmente por uma putrefacção incipiente no abdómen, escroto, e parte interna das coxas.

Antes de procedermos á abertura do cadáver notámos uma magreza geral, que é a própria do marasmo; e que o ventre estava sobremaneira elevado, e meteorizado. Notámos também na parte interna do joelho direito um tumor, sem mudança de cor da pele, e outro menos volumoso sobre o osso rádio do braço esquerdo e junto do pulso: o tumor do joelho continha quasi duas onças duma matéria de cor parda, puriforme e linfática, depositada entre os músculos e o periósti; o tumor do pulso continha matéria da mesma qualidade, porém mais espessa.

Quando se abriu o ventre, saíram mais de duas libras duma serosidade purulenta, amarelada e mui fétida; os intestinos

estavam meteorizados, pálidos, adherentes uns aos outros, assim como ás paredes desta cavidade, apresentando também em toda a sua extensão uma grande quantidade de tubérculos de diversos tamanhos, e cheios da mesma matéria, que havia nos tumores externos do joelho e do pulso.

Os intestinos foram abertos em toda a sua extensão, estavam saos internamente e só continham uma pequena quantidade de bilis.

O estômago apresentou o mesmo estado; estava porém adherente a todas as partes que o cercam, pálido externamente e como coberto de pequenos tubérculos linfáticos e semelhantes aos da superficie dos intestinos; a sua membrana interna estava sa, assim como o piloro e o esôfago.

O fígado achava-se adherente ao diafragma pela sua face convexa, e pela côncava ás vísceras que cobre; a sua substância estava sa, o seu volume era o ordinário e a vesícula do fel achava-se medeamente cheia de uma bilis de cor verde escura.

O baço, pâncreas, rins e bexiga estavam saos; o epiploon e mesenterio sem gordura e cobertos de tubérculos linfáticos semelhantes aos de que já falámos. Iguais tumores se viam na espessura do peritônio, cobrindo a face interna do diafragma, cujo músculo estava saos.

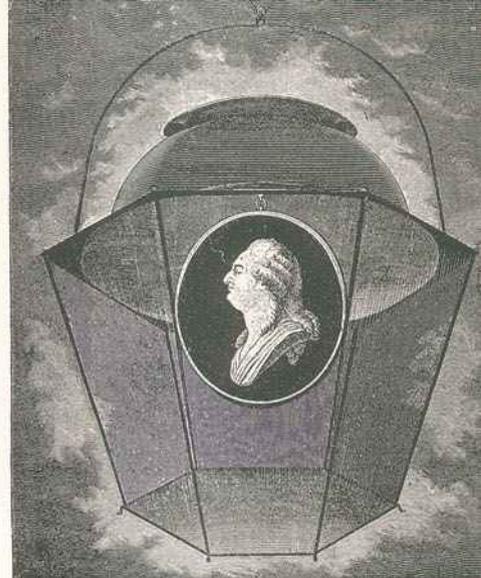
Os pulmões aderiram em toda a sua superficie á pleura, diafragma e pericárdio; a sua substância estava sa e sem tubérculos; sómente havia alguns perto da traqueia e do esôfago. O pericárdio continha a ordinária quantidade de serosidade; o coração estava pálido mas no seu estado natural.

O cérebro e as suas dependências estavam na mais perfeita integridade.

### ACTE DE DÉCÈS DE LOUIS XVII.

De Vingt quatre heures de l'an trois de la République.  
 ACTE DE DÉCÈS de Louis Charles Capet, du Vingt de novembre trois heures après midi.  
 Profession  
 âgé de dix ans deux mois  
 né le 23 Janvier 1785 à Paris, département de Paris, domicilié à Paris avec ses parents  
 Sur la déclaration faite à la Maison Commune, par Pierre Laine  
 âgé de trente neuf ans, profession gardien de temple, domicilié à Paris, rue de la Harpe, n.º 48  
 et par Louis Capet, âgé de cinquante sept ans, profession boulangier, domicilié à Paris, rue de la Harpe, n.º 61  
 le déclarant a dit être ainsi

VOUS LE CERTIFIEZ de Duret  
 Commissaire de police de ladite Section du Temple  
 OFFICIER PUBLIC, Pierre Jacques Robit  
 Certidão de óbito do filho de Luiz XVI



Luiz XVI na lanterna

Todas as alterações, que acabamos de circuncianciar, são evidentemente o efeito de um vírus escrofuloso, que havia muito tempo que existia e ao qual pouco de atribuir-se a morte d'êste menino.

A dez de Junho, ás oito horas e meia da noite, dois commissários civis e os commissários de policia da secção do Templo se dirigiram á Torre do dito Templo, isto em consequência duma ordem da comissão de segurança geral, a qual ordenava que fôsse levado de aí o corpo do filho de Luiz Capeto, cujo corpo êlle commissários acharam descoberto, e na sua presença foi metido num caixão de madeira e transportado immediatamente para o cemitério de Santa Margarida, situado na rua do mesmo nome, no arrabalde de Santa António, onde foi enterrado.



Um desenho de Ferreira da Costa

Há anos, antes da Grande Guerra, foram afixados uns cartazes em Paris, desenhados por José de Bragança, que representavam um grande íman — o Coliseu — a atrair uma multidão compacta de parisienses, que ali acorriam para gozo dum espectáculo qualquer. Esse cartaz anda agora reduzido em pequenino, num anúncio dum teatro de Lisboa, porque sempre os bons espíritos se encontram, pelos menos à porta dos teatros.

Paris é um íman muito maior que o Coliseu, que "atire tout le monde". No campo da arte, então, é o mais enganoso sorvedouro de ilusões, o mais perigoso encantador das serpentes ingénuas que trazemos no peito, nos miolos, na epiderme, em todo o nosso ser, de sonhos, de ambições e de desejos. Deslumbrados pelo passado que nos ensinam nas esco-



D. João IV — Quadro de Ferreira da Costa, no Consúlio de Portugal em Paris

las, mal o buço nos sombreia o lábio e o querer nos define a aventura, não há nada a impedir-nos de ir procurar, pelo assombro, os abalos de coração, os quais nos dão com o juízo em pantanas. E aí de quem morde e gosta do sabor agri-doce daquele fruto de tentação pecaminosa!

Haverá algum artista português que não se tenha perdido naquele Paraíso em que tudo se encontra, mesmo quando tudo se perde? Cá por mim bem sei dos tormentos e das saudosas paixões que me puzeram a vida em bolandas, ensinando-me um futuro de perdões e doutras maluqueiras que hei-de levar para a cova. Bem haja o mal para o bem e o bem que nos cura das maleitas!

Ferreira da Costa, um pintor que há muito mais de trinta anos partiu para Paris, em busca do tal sonho enganador, mas ao qual queremos bem como se nunca o encontrassemos e que mil vezes roça por quem o procura, esqueceu-se por lá de si próprio, ora em cima, ora em peijas e até em estonteados de triunfos, ficando suspenso nos rumos, apenas a lembrar-se de Portugal, onde foi nado, criado e esquecido. Há quasi quarenta anos que Ferreira da Costa saboreia a incoerente dor do exílio voluntário, sofrendo de liberdade e de ausência, entre uma multidão agitada e feliz, de revoluções e cantigas.

A boémia nunca tentou este artista, que por índole e educação é um equilibrado e um tímido. A vida, porém, tem-lhe torcido e emaranhado a linha nítida da existência, forçando-o a avariados desvios na Arte, desde o de se transformar em cantor ou violinista para ganhar o pão com honra, ou de se voltar para o jornalismo, para as traduções de romances, e até para o cinema e gravação de discos. De premiado pintor nos Salons e chefe de decorações nos palácios da Bélgica, Ferreira da Costa tornou-se um excelente escritor, crítico musical e erudito investigador de preciosos segredos da História e da Arte. Continuamente busca novidades sobre Portugal para as revelar nas revistas de muitos países estrangeiros, sem dêsse trabalho e dêsse amor à sua terra procurar receber um ceítal, um louvor ou uma fitinha para a lapela, tão apreciada nas ruas de Paris e agora um pouco nas de Lisboa.

Ferreira da Costa nunca se convenceu de que a moral dos tempos correntes houvesse levado tratos de polé, e hoje o homem não possa alcançar vitórias de espírito, sem cabotismo com o rico talento que Nosso Senhor deu aos da sua preferência. E, assim, sem um queixume ou uma revolta, fechado na teimosa boa educação fora de moda e na persistente esperança de ver o mundo retornar à lealdade das acções em compromissos com as palavras, o nosso pintor tornou-se

## UM PINTOR

# Exilado voluntário no

## nunca deixou de pensar

um bicho do buraco, espreitando a terra através da história e iludindo a existência em convívios de estudo. Seria um caso raro, se o artista vivesse noutra terra, que não fosse Paris, onde a par do mais equi-



'Allegro troppo' — Quadro de Ferreira da Costa, no Salon de Paris, 1922

librado tino burguês e dos mais atribulados cuidados em face das ameaças duma guerra, reinará sempre a mais brilhante intelectualidade dos povos latinos.

Há pouco, por incumbência de amigos, pintou um quadro representando a "chegada de Gago Coutinho e Sacadura Cabral ao Brasil", assim como outro com a figura de "D. João IV", para o consúlio português em Paris, onde já havia gravado uma "Caravela" para decorar um recanto da sua sala principal. Reproduzimos esses quadros e mais um que há tempos lhe mereceu uma medalha no Salon, representando um modelo no descanso. São obras apreciadas por amadores especiais, dados às graças dum pincel adestrado e às nuances das luzes emotivas. No Museu de Arte Contemporânea, em Lisboa, existe uma paisagem pintada por Ferreira da Costa, que é um mimo de técnica e efeitos de luz num bosque, em dia de inverno. Presumo ser esta a única obra dêsse pintor nas galerias portuguesas. A ausência lê-lo esquecido dos contemporâneos, e no entanto ninguém mais

## ESQUECIDO

# turbilhão de Paris

## e honrar a sua Pátria

recorda êstes do que o pintor, músico e escritor, que nas intimidades do seu atelier ao pé do Val-de-Grâce, se estiola sonhando — quem sabe? — com um regresso à Pátria onde tantas coisas mudaram, menos a crueldade dos homens.

Às vezes, nas horas cinzentas da saudade, quando a névoa da cidade conduz os pensamentos à distância, é agradável ouvi-lo contar os passos pitorescos doutros artistas nossos, que nos ateliers de Montparnasse ou do Bairro Latino, fizeram o seu estágio de pensionistas, como Alves Cardoso, Francisco Santos, Simões Sobrinho, Acácio Lino, Costa Mota Sobrinho, Constantino Fernandes, Oliveira Ferreira, Sousa Lopes, Alves de Sousa e tantos e tantos outros, hoje consagrados na sua terra, enquanto êle foi olvidado.

E a reboada de recordações passa-lhe no coração, em fio, umas atrás das outras, agora uma lição de Luciano Freire, logo uma anedota de Santa Rita, depois um dito de António Saude, e seguir uma gavrochada de Armando de Basto, todo um rosário de dôces evocações dos estudantes que por ali passaram, das gerações várias que o toparam sempre agarrado aos seus hábitos e à sua intransigência de parigof adoptivo, hoje convivendo com êste e amanhã com aquele, afeiçoando-se a todos, e por fim por todos abandonado, porque a vida ou a morte não consente escravidões românticas, como aquela em que só êle se sentia feliz.

De longe a longe, um velho camarada ou um amigo fiel, batem-lhe ao ferrolho. Para todos e inalteravelmente acolhedor, êle está pronto a correr o velho Paris, e ir matar saudades aos lugares das alegrias de outrora, a reviver o passado, pelo gôso efêmero do presente. Foi companheiro de Brito Camacho, como o foi de António Joice e hoje o seria do mais novo estudante português.

Sempre moço de maneiras, sempre correcto no trato, dir-se-á que o tempo não lhe toca, quasi confundindo as gerações, como se a todos pertencesse.

Ferreira da Costa, tem a maior parte da sua obra de pintor aferrolhada em galerias particulares da Flandres. Anos e anos para ali trabalhou, e do restante daquele labor os colecionadores de Paris souberam assenhorear-se. O seu atelier é hoje apenas um ninho de lembranças, lembranças dos mestres, dos amigos passados e dos próprios sonhos. Entrar ali é folhear um pouco de história romântica e revolucionária do despertar dêsse século incoerente e inconstante, por assim dizer dêsse ciclo provisório, visto ainda se igno-

rar a sua expressão definitiva. Ali se ouvem as melodias duma música íntima, se fala em meiguice com os quadros pequenos que guardou para a saudosa evocação duma mocidade fugaz, e ali, entre livros velhos e papéis desbotados, o artista português colhe, distribui e por fim constrói uma obra de investigação artística, sempre a fitar Portugal, que o ignora e êle nunca esquece. Ultimamente trazia em projectos a compilação em volume de mil documentos, por si descobertos, sobre a actividade do Prior do Crato, em França, relacionado na Côte e a convocar já uma influência, ainda que longínqua, na Restauração de 1640, apoiada em parte pelos reis Henrique III e IV. Além dêsstes excelentes subsídios de oportuna publicação, desejou revelar outros documentos inéditos e preciosos, onde um tal *Velasques-pintor*, António Ramos e Bronal, comissário de Richelieu, andaram metidos em conspirações com o mesmo fim, etc., etc. Este utilíssimo volume de segredos, devia interessar sobremaneira à Comissão Organizadora dos Centenários do ano que vem, mas porque o nosso compatriota vive longe do Chiado, ficarão ocultos e talvez perdidos, sem o socorro nacional para a sua publicação.

Portugal prepara neste momento uma resurreição plástica e viva, dos séculos mais gloriozinhos da sua História. Foram para isso convidados escritores, investigadores e artistas, que por sua vez recorrerão à colaboração doutros irmãos, a fim de se realizar uma obra completa e patriótica, na qual os principais arquitectos, escultores e pintores — salvo se os ratos comerem os gatos — darão o melhor do seu engenho, para que o Estado mereça dos artistas como êles devem merecer da Pátria. É de crer que Francisco Smith, outro pintor português que o destino forçou a viver no exílio de Paris, seja chamado a decorar qualquer pavilhão, com aquele seu pitoresco anotar da paisagem e das cenas portuguesas, que lhe deram nome em França.



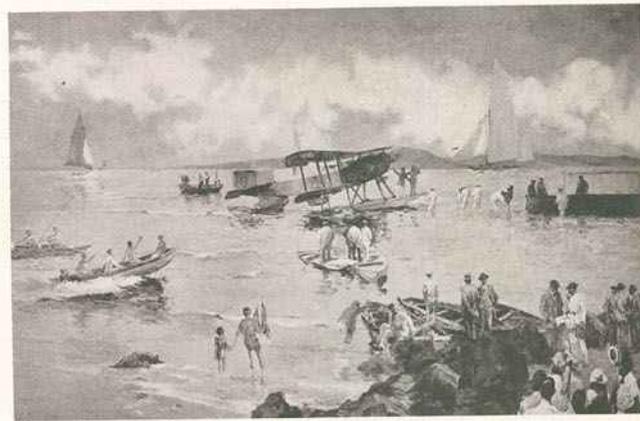
Ferreira da Costa — Desenho de Rui Araújo

E' também de esperar que Eduardo Viana, outro exilado de muitos anos, seja convidado a vir da Bélgica, para enriquecer com a exuberância da sua paleta, as paredes de qualquer outro pavilhão. É natural, que para honra nossa, êstes artistas e outros mais que temos na vadiagem de além fronteiras, sejam lembrados pelos directores das festas.

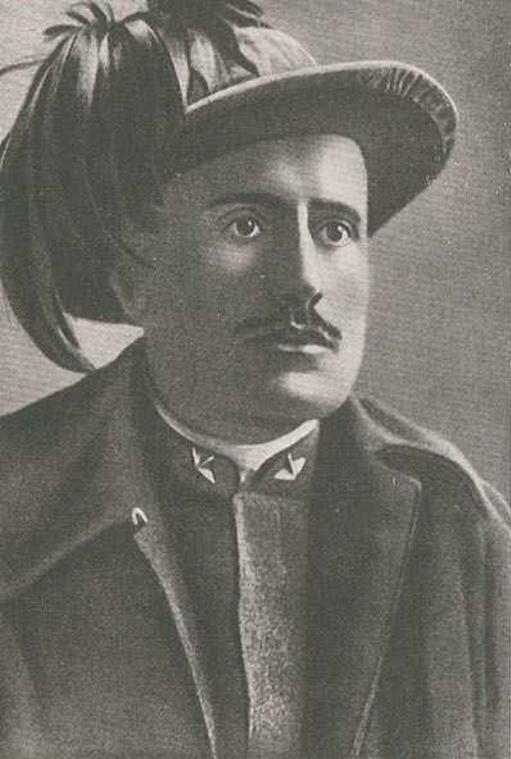
Só de Ferreira da Costa, o meu pessimismo, apoiado no conhecimento da ingratição de quem não tem tempo para cuidar da justiça, ninguém se lembrará por certo, porque "quem não aparece, esquece", e porque "dos modestos não colhe fruto a vaidade".

Tudo isto é tão triste como as horas de desânimo desta hora de lutas ferozes que o pintor, escritor e músico português, João Ferreira da Costa, vive no seu exílio voluntário de Paris, honrando e evocando Portugal, que o esqueceu quasi totalmente!...

DIOGO DE MACEDO.



Gago Coutinho e Sacadura Cabral chegando ao Brasil — Quadro de Ferreira da Costa



Mussolini, combatente da Grande Guerra

Exame minucioso da vida íntima dos homens é, às vezes, árida curiosidade de historiadores ou contos de biógrafos. Mas, quando a personalidade que é objecto da investigação imprimiu seu carácter no tempo, quando, através do homem, se procura compreender e em especial, melhor conhecer os valores ideais da sua obra, então a investigação dos detalhes biográficos assume um valor e uma razão de ser. É um meio para aproximar-se dos grandes homens.

A fixidez do olhar de Mussolini



# MUSSOLINI ÍNTIMO

Em toda a obra de Mussolini sente-se, com a impressão do génio, uma vasta compreensão humana; são todavia, os episódios de sua existência de filho, de irmão, de pai, que mais nos permitem aproximar de seu espírito. É assim que os humildes a êle se sentem unidos e o compreendem através de sua sensibílissima humanidade.

Não se deve procurar conhecer Mussolini, sómente nas páginas de seus biógrafos, mas é preciso ler o que êle mesmo escreve da sua vida.

Nas suas narrações, às vezes êle fala baixo, como para melhor esconder a emoção de sua alma; outras vezes, as recordações de sua infância brilham de júbilo sereno. Os alegres episódios da infância, as corridas com seu irmão Arnaldo no meio das videiras de Cuclon, "vinha que não produzia mais do que um carro de uva", os primeiros sucessos na escola, as primeiras esperanças e as primeiras decepções, tudo isto, é lembrado por Mussolini, com um sentimento, de comovente ternura.

Nas páginas que o Duce consagrou à memória de seu irmão Arnaldo, parece que êle narre a si mesmo a história da sua infância e das lutas que ambos enfrentaram, para estar mais perto do grande amigo desaparecido.

Êsse livro iniciado em 25 de Dezembro de 1931, "um dos mais tristes Natais", da sua vida, parece abolir o tempo e a distância. Mussolini lembra e revive; as figuras impressas no seu coração de criança apresentam-se de novo, vivas à sua memória.

É na sua avó, "alta, magra, sempre em movimento", cujo estribilho habitual era "Maldição ao pecado mortal", que Mussolini pensa, escrevendo as primeiras páginas do Livro de Arnaldo. É nela que êle pensa, porque a lembrança do seu primeiro desgosto de criança, o apróxima ainda mais do seu irmão desaparecido.

Eles tinham passado a tarde com a mãe na vinha de Cuclon; tinham cantado com ela velhas canções patrióticas. Mas ao voltar para casa, ao pôr do sol, encontraram a avó moribunda. Neste ponto da narração percebe-se uma ligeira comção na sua voz; é o mesmo tom baixo, de quando fala daqueles que muito amou.

Durante os anos difíceis de sua estada na Suíça, a recordação e as saudades de sua adorada mãe, dá-lhe a fôrça para crêr e para lutar. Também aí nas horas tristes, êle lembra sua infância para sentir-se mais perto de sua terra e de seus parentes. Êle revê os campos, as videiras carregadas de cachos maduros, onde êle quis "gozar, gozar muito", dos últimos dias de liberdade antes de entrar para o colégio de França.

Êle devia abandonar o belo regato de águas cristalinas, suas árvores, e o seu canário na gaiola dependurada debaixo da janela. Era êste grande desgosto para sua alma de criança; e êle narra tudo isto, com a simplicidade que lhe é habitual, quando fala da sua vida.

É a mesma simplicidade com a qual narra o seu jornal de guerra de ter ido como voluntário em reconhecimentos perigosos, e descreve os dias passados no pequeno hospital, quando seu corpo estava estreachado por quarenta e duas feridas.

Seu pensamento é para a Pátria, orgulhoso de ter "regado com seu sangue a via de Trieste".

Como em todos os seus escritos, o sentimento profundamente humano de Mussolini se revela em cada episódio de sua vida.

Só os bons sabem compreender a alma das crianças.

Todos quantos, viram o Duce com seus filhos Ana Maria e Romano, na praia de Riccione ou nos jardins da Villa Torlonia, compreenderam o segrêdo da eterna juventude do seu espírito, essa juventude que conhece tôdas as ousadias e reconheceu seu entusiasmo e sua paixão nas emprêsas heroicas de Vittorio e de Bruno nos céus de África.

Ela deriva de sua fé e de seu amor pela vida, que é bela, e que deve ser conquistada e vencida, sempre, mesmo nos momentos negros, quando surge a sombra de uma dúvida.

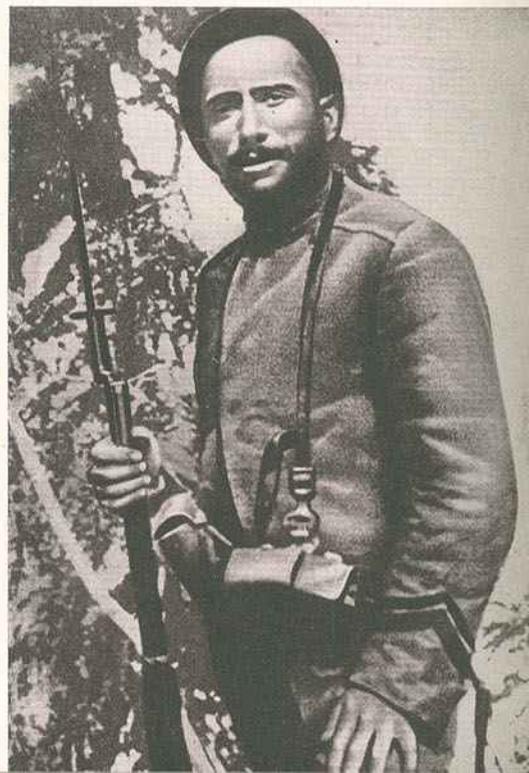
Ser o que se é. É isto que Mussolini quiz.

Ele é sempre êle mesmo, tanto na sua vida de homem político, como na intimidade da família.

Junto aos discursos que como uma gravura no bronze, trazem os sinais do destino da Itália, suas cartas, seu jornal, o livro de Arnaldo.

Nenhuma biografia por mais apaixonada e fiel que seja, poderá comover tanto, como estas páginas, onde, absorvido pelas visões longínquas, êle fala docemente de sua vida.

Mussolini, soldado da Grande Guerra



# FIGURAS E FACTOS



← O véu da comungante, por Carlos Reis.— Em cima: o quadro Gente do mar, de João Reis

Mestre Carlos Reis, o pintor excelso de tantas maravilhas, não pára nem descansa. O seu pincel mágico rejuvenesce de dia para dia. Expõe agora na S. N. de Belas Artes um novo quadro, uma nova obra prima — *O véu da comungante* que é um verdadeiro prodígio de concepção, execução e colorido. A seu lado expõe João Reis, seu filho e discípulo querido, que mais uma vez honra o mestre com a sua magnífica tela *Gente do mar*. João Reis é um grande pintor que nos atrai, comove e delicia, honrando quem lhe ensinou a pegar na paleta e a dar às tintas a verdadeira expressão da Vida



O eminente escritor sr. dr. Júlio Dantas com o sr. ministro da Itália e outras individualidades, no acto da entrega de um exemplar da «Encicopédia Italiana» oferecida pelo governo de Roma à Biblioteca Nacional de Lisboa. — A' direita: A nova direcção da Sociedade de Geografia com algumas individualidades que assistiram ao acto da posse



Carlos Olavo, cujo espirito é tão cintilante como irrequieto acaba de publicar *A vida turbulenta do Padre José Agostinho de Macedo*. Este assunto que se encontrava, por assim dizer, quasi ignorado ou esquecido, vibra naquelas vigorosas páginas em toda a sua grandeza, em toda a sua intriga, em toda a sua verdade



*Capital do Espirito* se intitula o novo livro de Luiz Forjaz Triguciros. Nas suas páginas de bela prosa portuguesa estão condensados os ensinamentos franceses que o autor foi colher no seu interessante inquérito às mais altas celebrações actuais da França, formando-se assim um livro precioso, suggestivo e oportuníssimo



Armando de Aguiar o remexido jornalista, cujas reportagens através de diferentes países são bem conhecidas, partiu para uma nova longa viagem para as Colónias portuguesas, tencionando, de caminho, visitar o Extremo Oriente. Do que observar dará conhecimento, em breve, aos leitores da *Ilustração*



*Fumo de longe* intitula o jóvém poeta Feliz Ventura o seu livro de versos. Há harmonia, há ritmo e inspiração nas suas composições. A maior recomendação que pode fazer-se a este punhado de pequeninos poemas é a de que o seu autor não fez disparates futurísticos para se evidenciar



A séidosa artista D. Ernestina Freixo

NADA mais comovente e digno de respeito do que a carreira triunfal dos grandes Artistas. De pressa o que foi luz e apoteose esmorece e acaba com o perpassar dos anos e com as audácias das novas gerações em busca da Beleza eterna. Os velhos, que um dia viram brilhar o sol da mocidade, principiam a meditar no significado da Vida: logo a saúde abre sepulturas em corações cansados, imediatamente o recordar de cada momento é como uma cruz erguida no cimo das últimas esperanças e cada alegria antiga surge transformada na mais sentida lágrima de tristeza e pesar. O Passado resplandece porque nêta a juventude perfuma glória e ilusões; o Futuro, porém, apresenta-se som-



Desenho inédito de João de Deus oferecido à ilustre artista D. Ernestina Freixo

brío e incerto. Dentro de tal ordem de idéias, D. Ernestina Elisa de Barros Freixo, a artista de privilegiado talento, falecida a 17 de Março deste ano, só teve a consolá-la, nos últimos anos, as evocações do seu passado perfulgente, o carinho dos seus velhos amigos e a ternura de alguns jovens discípulos. Na sala da sua residência, na Travessa do Guarda-Mor, 10, 1.º, as paredes andavam repletas de recordações: belas fotografias deixavam enxergar os prodígios da arte incomparável de Francisco de Andrade como actor, já que se lhe não podia ouvir a voz potente, e a elegância apurada de António de Andrade, o notabilíssimo tenor que criara, em S. Carlos, o difícil papel de Aben-Afan, na ópera "D. Branca", de Alfredo Keil; depois

eram os retratos de cantores célebres, de violinistas e compositores eminentes. Lá estavam, diante da nossa curiosidade, Kaschmann, De Luca, Perelló, Maria Van Zandi, Viana da Mota, Alfredo Keil, Henrique Sauvinet, Francisco Benetó e tantos outros. Para nada faltar, até um desenho inédito de João de Deus mostrava quanto o sublime poeta algarvio estimava a excelsa pianista portuguesa.

D. Ernestina Freixo, que possuía uma das mais extraordinárias organizações musicais de Portugal, tinha apenas seis anos quando tomou parte num concerto, a que assistiu o rei Fernando. O monarca, ao escutar a gentil e pequena artista tocar piano com tanto desembaraço, ficou maravilhado, e, pum dos intervalos,

## DA VIDA QUE PASSA UMA GRANDE ARTISTA QUE ACABA DE DESAPARECER

### Quási um século de triunfos musicais

mandou-a chamar ao camarote real para a beijar e acarinhlar: já a conhecia do Passeio Público, quando, nos sossegados domingos lisboetas daqueles saídos tempos, as crianças o cercavam, cantando e rindo, convencidas de que mãos soberanas lhes afagariam as róseas faces.

Depois vieram concêrto de mais responsabilidade e festas deslumbrantes em S. Carlos ou em sumptuosos salões da Lisboa aristocrática. O marquês de Fronteira, músico muito distinto, sempre a distinguuiu com a melhor amizade e admiração, e, nas Caldas da Rainha, o Infante D. Augusto e o próprio Rafael Bordalo Pinheiro, encantavam-se com a arte delicada da grande pianista, tão inteligente e culta quanto modesta e simpática. Pinheiro Chagas escrevia estas eloquentes palavras, em 19 de Julho de 1888, no *Correio da Manhã*: "... Cantou o dueto dos *Piscatori*: Não, o que ela, é, é sobretudo cantora. Toca uma *Cracovienne* e exclamámos: Oh! Pianista, sobretudo. Volta a cantar uma melodia de Keil, e exclamámos: Acima de tudo cantora. E assim eslaríamos até à consumação dos séculos, porque decididamente, o que ela é, é uma lira com tódas as cordas..

Como afirmaram em artigos críticos o dr. Alfredo Pinto (Sacavém) e Adriano Mereia, D. Ernestina Freixo ajuntava ao mecanismo perfeito e ao segredo de fazer cantar o piano sob os seus dedos o raríssimo talento de extraordinária repentina, lendo à simples vista com admirável fidelidade e transportando com uma rapidez espantosa. Ela foi, por mais duma vez, a salvação de cantores de fama ou de simples amadores.

António de Andrade, velha e gloriosa relíquia da Arte Portuguesa, no dia do falecimento da ilustre pianista e professora de canto, dizia-nos com as lágrimas nos olhos: "Nunca conheci, quer no estrangeiro, quer em Portugal, quem lêsse música à simples vista e acompanhasse mais prodigiosamente que D. Ernestina Freixo..

Há um facto que merece especial menção. Quando o célebre violinista Jacques Thibaud esteve, pela primeira vez, em Lisboa, num concerto no salão da Trindade, à última hora faltou o acompanha-

dor, que adoecera repentinamente. Henrique Sauvinet, correu à plateia, em busca de D. Ernestina Freixo. Esta disse para Thibaut: "Pode tocar absolutamente à vontade!..

O concêrto começou ante a ansiedade dos ouvintes. A acompanhadora deixava



D. Ernestina Freixo no apogeu da sua glória

a máxima liberdade ao solista, e o público tinha a impressão dum milagre. Não há palavras que traduzam o entusiasmo dos aplausos. Thibaud mostrava-se extasiado, e, pousando o violino sobre o piano, ovacionou aquela que era, sem dúvida, a primeira acompanhadora portuguesa e uma das mais notáveis pianistas do nosso país.

Tomou parte em afamadas festas da Real Academia de Amadores de Música e da Sociedade de Música de Câmara, e foi brilhantíssima colaboradora em todos os memoráveis concêrto históricos promovidos com superior competência pela grande cantora D. Sara Vieira Marques.

A Sociedade de Música de Câmara, que então exercia a mais benéfica influência artística, ofereceu-lhe, em 1906, como prova de maior apreço, o primeiro exemplar duma medalha de bronze, preciosa obra de arte assinada por Adolphe

Rivet. Em 1897, a Real Academia de Amadores de Música conferia-lhe o diploma de sócia honorária.

A revista "Eva", em 25 de Maio de 1929, promoveu-lhe uma festa de homenagem na Academia dos Amadores de Música, festa em que falou o sr. Tomaz Borba, eminente e conhecido professor do nosso Conservatório de Música. Uma série de artigos exaltaram o valor de D. Ernestina Freixo, que então se sentiu acarinhada por Viana da Mota, António de Andrade, Rui Coelho, Manuel Benjamim, Adriano Mereia, D. Luís da Cunha Menezes, Alfredo Pinto (Sacavém), Tomaz Borba, etc.

Ainda aos 83 anos conservava o verdadeiro culto da arte: gostava de conviver com os artistas, e para os novos tinha sempre um conselho, e os seus discípulos puderam, mais duma vez, avaliar não só a sua competência profissional como os primores da sua alma. "No "Diário de Lisboa", de 17 do mês passado, lêem-se estas palavras: "A sua conversação estava repleta de esplêndidas evocações, em que surgiam, na luz da saúde, as noites triunfais de S. Carlos, os cantores que conhecera, e, finalmente, a própria figura de Taborda, o genial actor que, bastas vezes, lhe aconselhara a carreira teatral..

Neste momento, chega-nos à memória, como expressão de justiça, o que, em 31 de Julho de 1900, Alfonso Vargas, es-



Um dos últimos saraus da genial pianista

creveu em "A Arte Musical": "Noutro meio avaliá-la-iam mais; aqui, tais como somos, todos nos limitamos a aplaudí-la muito, o que, se é deveras pouco já, aliás, demonstra uma certa vontade de corrigir pelo coração tudo quanto, infelizmente, nos mingua em cérebro..."

Eram agradabilíssimas as reuniões em casa da D. Ernestina Freixo: ali iam os irmãos Andrades, então no apogeu das suas carreiras artísticas, o dr. Ferreira Cardoso, eminentíssimo flautista, o marquês de Fronteira, tão fidalgo como distinto pianista, Henrique Sauvinet, magnífico temperamento de músico, João Passos, Júlio Silva, dr. Alfredo Pinto (Sacavém), dr. Alberto de Moraes, Adriano Mereia, Manuel Benjamim, Augusto Rosa, João Rosa, Alfredo Keil e tantos outros.

"A sua figura artística — escreveu Alfredo Pinto (Sacavém) — não morreu, porque como apóstolo da Música na terra, a sua arte espalhará para sempre o reflexo da sua alma. É esta a minha fé..

MAGNUS BERGSTRÖM



Curioso grupo tirado nas Caldas da Rainha em Julho de 1888, vendo-se D. Ernestina Freixo (a segunda do segundo plano)

UM estudante que estava fazendo exame, mostrava saber tão pouco de toda a matéria que lhe perguntavam, que, por fim, o examinador, perdendo a paciência, apresentou-lhe um cartão de visita fazendo-lhe ao mesmo tempo, a seguinte mordaz observação: — Para poupar trabalho e tempo, é melhor o senhor escrever tudo quanto sabe aqui neste bilhete, se faz favor.

*Mulher:* — Não; o que é verdade é que tu deixaste de amar-me; já descobri isso, há muito tempo.

*Marido:* — Se o descobriste, foi porque o amor que me tinhas, acabou. O amor é cego, bem o sabes.

*Matilde:* — O Anibal ficou de vir pedir a minha mão, esta tarde. Estou tão nervosa, por isso!

*Helena:* — Tens receio que o teu pai não dê o seu consentimento?

— Não; tenho receio mas é que o Anibal não apareça.

— Aquele Porfírio está cada vez mais gordo, não vês?

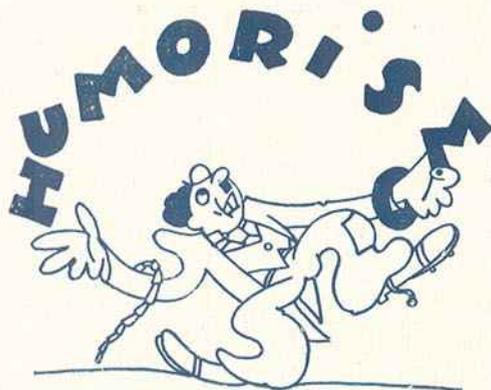
— Vejo. Se te parece! Engorda com os ovos e a manteiga...

— Come então demasiado?

— Não... Vende muito.

Um cavalheiro casa com uma menina rica e dois dias depois sai-lhe a sorte grande na lotaria.

— Olha que pouca sorte a minha! — diz êle — Se isto vem dois dias antes, não escusava eu fazer a tolice de casar?!...



O banqueiro para o jôvem que lhe solicita autorização para ser seu genro:

— Quere casar com minha filha? De que fortuna dispõe o sr.?

— Nada possuo, digo-o com toda a franqueza. De resto, a culpa não é minha. Pobreza não é defeito...

— Pois não; é muito pior.

*No tribunal:*

— O réu já foi condenado alguma vez?

— Sim, sr. dr. delegado, há quinze anos.

— E de então para cá o que tem feito?

— Aguardando serenamente o cumprimento da pena.

*A mãe:* — A vitelhinha fez hoje um caldo magnífico.

*O filho, de 5 anos:* — Ó mamã, mas se a vitelhinha estava morta como podia ela fazer o caldo?

*Êle:* — Se eu desaparecesse, tu não me chorarias?

*Ela:* — Oh, sim! Bem sabes que choro por qualquer coisa!

— Mas você nesse estado não se agüenta nas pernas e ainda quebra a cabeça. Vá para casa.

— Isso é que eu não vou.

— Vá, homem. Se calhar, sua mulher está à sua espera.

— Pois por isso mesmo é que eu não vou.

— Porque beijaste aquele rapazinho no baile das Limas? Previno-te, minha filha, de que isso não se faz!

— Mas, mamã, êle, coitado, acabava de me contar que lhe tinha morrido uma tia, e eu estava cheia de pena...

— Conheço bem êsse rapaz e tenho a certeza de que, no fim desta semana, nem um só membro da sua família estará vivo!...

Aquele homem aparecia nos restaurantes, nos "cabarets" — sempre sozinho: sozinho comia; sozinho saía. Sozinho, mudo, misterioso.

— E' sem dúvida um espião — murmurou uma senhora a quem intrigava aquele mistério.

Objectaram-lhe:

— Um espião sempre sozinho? Mas como espionaria êle?

— Deve-se vigiar a si próprio — retorquiu gravemente a senhora suspeitosa.

Um jogador contumaz da Bôlsa, a pesar da sua avareza proverbial, pretende alardear de generosidade magnânima.

— Nunca deixo de socorrer os necessitados. Dou sempre a todos que me pedem esmola...

E como, em redor, há sorrisos de incredulidade, o ávaro pormenoriza:

— Não tenham dúvidas. Mal vejo aparecer um pobre, meto logo a mão à algibeira...

— De quem?... — perguntou alguém do lado.

— Logo que o apanhe, encho-lhe a cara de bofetadas. O maroto anda a dizer por aí a meio mundo que sou um desavergonhado?

— E tens razão... Esta gente não é capaz de guardar um segredo!

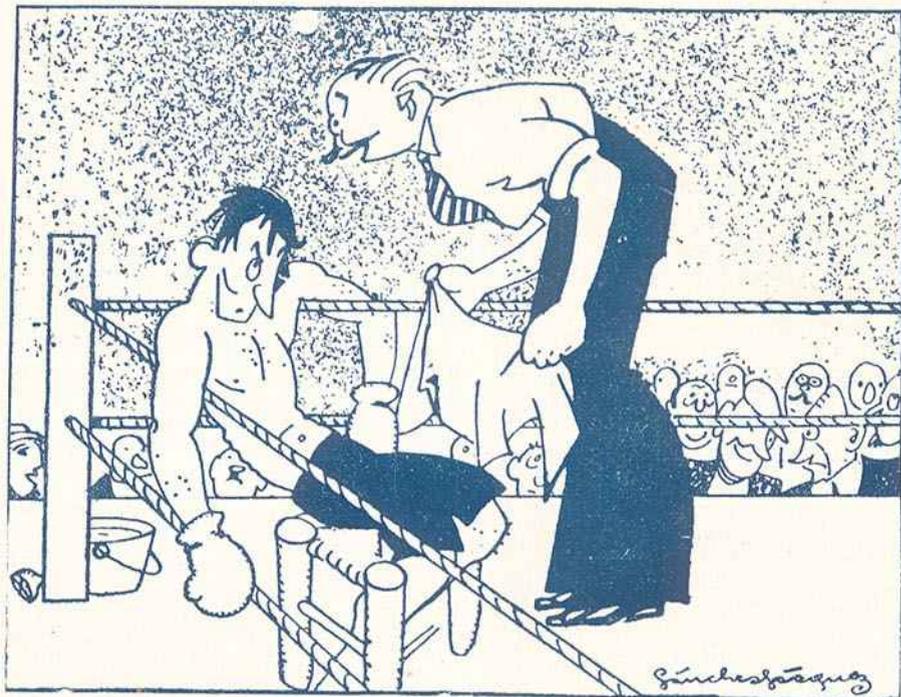
Lili, em casa de amigos da província, escreve a sua mãe, que ficou em Lisboa, nos seguintes carinhosos termos:

"Querida mãzinha, beijo-te afectuosamente por escrito, enquanto o não posso fazer de viva voz..."

Um turista, em Londres, dirigiu-se a um "policeman" — perguntando-lhe:

— Para que serve o seu jugular? É realmente para segurar o capacete?

— Não. É para repousar o queixo depois de responder às perguntas inúteis que me fazem.



— Coragem, falta-te apenas um "round"...

— Um "round"... e um olho!...

# VIDA ELEGANTE

## Festas elegantes

Na elegante residência da sr.<sup>a</sup> D. Mécia Mousinho de Albuquerque, realizou-se uma interessante festa, durante a qual se procedeu à leitura da peça «Abnegação», autoria desta ilustre poetisa. Antes da referida leitura feita pela sr.<sup>a</sup> D. Georgina Cardoso dos Santos, o ilustre teatral sr. Cardoso dos Santos, disse algumas palavras sobre a obra que ia ser lida.

A esta interessante festa assistiram entre outras pessoas, as seguintes:

Condessa de Ficalho, condessa de Avilez (D. Virginia), (D. Maria Castilho), D. Maria Francisca de Alvez Aciolo e sobrinha D. Maria José; D. Elvira Jara de Albuquerque de Orey, D. Adelaide Bramão, D. Georgina Cardoso dos Santos, D. Eulália Seilés de Sande e Castro, D. Maria do Carmo de Orey Velasco, D. Madalena Trigueiros de Martel Patrocínio, D. Branca da Silveira e Silva (Giesta), D. Maria de Lourdes Gusmão Gaivão, D. Maria do Carmo Charters de Azevedo Lopes Vieira, D. Maria Brissac Neves Ferreira de Campos, D. Maria da Piedade de Orey de Azevedo Coutinho, D. Luiza Wander-Machon de Orey, D. Piedade de Avilez, D. Maria Júlio de Brito e Cunha, de Avilez, D. Beatriz Arnaut, D. Fernanda Teixeira e filha D. Henriqueta Benxsaude, D. Ana Isabel Novais de Mascarenhas Ataíde, D. Maria Rosa de Mendonça e filha, D. Maria de Penh. x de Orey Pereira Coutinho e irmã etc.

### E os senhores:

Conde de Avilez, Cardoso dos Santos, Vasco de Mendonça Alves, D. Alberto Bramão, António Pais de Saúde e Castro, Dr. André Vemasco, D. Luiz Pereira Coutinho, Pedro de Queiroz Caivão, D. Eugénio de Avilez, Fausto de Avilez, Luiz de Coq de Albuquerque de Azevedo Coutinho, Dr. Lobo de Campos, Dr. Cherters de Azevedo Lopes Vieira, Manuel Gil de Orey, José de Campos e Sousa, João Maria Ferreira, José Maria Teixeira, etc, etc.

## No Clube Brasileiro

Sob o patrocínio da ilustre Embaixatriz do Brasil, coadjuvada por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade e da colónia brasileira, realizou-se, nas novas salas do Clube Brasileiro, à Rua Victor Cordon, um chá-Mah-Jong, que decorreu sempre num ambiente de elegância e animação.

Entre a assistência vimos, entre muitas outras senhoras, as seguintes:

Condessa de Tomar, Viscondessa de Alvelos, D. Sara Burnay Paiva de Andrade e filhas D. Rita de Sommer Pereira, D. Maria Rita Dam e Lerena Calheiro, D. Maria de Carvalho Dauxe Lorena Bruges de Oliveira, D. Gilda de Mesquita Guimarães, D. Maria de Jesus Gil Beltrão, D. Stela Belmarço da Costa Santos, Madame Belmarço, D. Sofia Cagi, D. Maria Luiza Antunes dos Santos, D. Maria Cordeiro Roquete de Campos Henriques, D. Clara Buzalço, D. Maria Luiza Falcão Antunes dos Santos, D. Helena Antunes dos Santos Ramiro Leão, D. Maria de Lourdes de Campos Bastos Lopes, D. Maria da Costa de Sousa de Macedo (Estarreja), D. Maria Lu-

cinda de Meeiros Antunes, D. Ilda Paiva de Andrade Rau, D. Amparo Schmidt, D. Paulina de Noronha (Paraty), D. Ana Moraes, D. Gina Kaul, D. Ester Leão Lalemant, D. Beatriz Benjamin Pinto, D. Elisa An unes dos Santos Vasconcelos, D. Margarida Bastos Lopes, D. Ana Moreira, D. Maria Mendes Leal, D. Jeanne Santana, D. Angela Muran de Mendonça, D. Maria Emilia Ferreira de Barros, D. Maria Margarida Mexias Bramão, D. Leonilde Kibeiro, D. Maria Luiza de Mendonça, D. Maria das Dores Trigosso, D. Judit Benjamin Pinto Gonçalves, D. Maria Santos de Vileña, D. Maria Nédia de Serra e Moura, D. Gabriela Gomes de Vileña, D. Maria Gomes de Oliveira, D. Maria Antónia Salyer Belmarço, D. Albertina Teixeira dos Reis (Madame Supardo), D. Maria Eugénia Maia, D. Ema Dias (Madame Monastério), D. Maria Amália Ribeiro Marques (Madame Belbeck), D. Melba Mendes Dias, D. Maria Helena de Oliveira Neves, D. Maria do Carmo Burnay Paiva de Andrade, D. Maria José Antunes dos Santos, D. Febra Leão, etc etc.

No próximo dia 15 de Abril realizam-se duas festas que devem marcar como elegância e concorrência. Uma realiza-se nas salas do Clube Taumáquico, festa que substitui a que todos os anos se realiza por ocasião do Carnaval, e que sempre constituiu um enorme sucesso mundano, e a outra, realiza-se no salão do Restaurante do Casino do Estoril, festa em homenagem à Mocidade Portuguesa, cujo produto reverterá a favor do seu cofre.

## Diplomatas

O ilustre embaixador do Brasil, entre nós, e sua esposa M.<sup>me</sup> Araujo Jorge, ofereceram no palácio da embaixada um elegante jantar em honra do embaixador de Espanha, em Portugal, sr. Nicolas Franco e a sua esposa.

Além dos homenageados tomaram parte o embaixador Luis Teixeira de Sampaio, Secretário Geral do Ministério dos Negócios Estrangeiros, Ministro Argentino e sr.<sup>a</sup> Perez de Quesada, o encarregado de negócios de Cuba e sr.<sup>a</sup> Arce, os condes de Santar e de Casteja e esposas, a condessa de Taboiera, D. Natália de Moñoz e Puigx, o primeiro secretário da embaixada de Espanha, e sr.<sup>a</sup> Alvaro Seminário, o marquez de Vila Hurrutia, D. Andrés de Covarrubias e esposa, o Consul Geral do Brasil e sr.<sup>a</sup> Pinto Dias, e o secretário da embaixada do Brasil e sr.<sup>a</sup> Thompson Flores.

— Na Legação de Portugal na Santa Sé, foi oferecido pelo ministro e sr.<sup>a</sup> V. de Quevedo ao embaixador do Brasil, sr. José Bonifácio de Andrade e Silva, que atingiu o limite de idade e regressou ao Rio de Janeiro.

Assistiram:

Princesa Boncompagni, princesa de Monteroduni Pignatelli, princesa Barberini (D. Fran-



Casamento da sr.<sup>a</sup> D. Maria Leopoldina dos Anjos com o sr. João Manuel Ferreira Gonçalves (Foto Cabral)

cesco), embaixador da Bélgica, Baron de l'Escaille, embaixador do Brasil e M.<sup>me</sup> Andrade e Silva, marquez e marquesa Dragonetti de Törres, duque e duquesa de Terranova, primeiro secretário da embaixada de Espanha, coronel de Watteville, adido militar da Suíça no Quirinal e M.<sup>me</sup> Galvão Bueno, primeiro secretário da embaixada do Brasil, M. Fritz Menshausen, conselheiro da embaixada da Alemanha, D. Maria de José Quevedo e dr. Ponce de Leão.

## Casamentos

Realizou-se o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Maria Leopoldina dos Anjos, filha da sr.<sup>a</sup> D. Leopoldina Maria dos Anjos e do sr. Francisco António dos Anjos, já falecido, com o sr. João Manuel Ferreira Gonçalves, filho da sr.<sup>a</sup> D. Custódia da Costa e Silva e do sr. António Ferreira Gonçalves, já falecido.

Serviram de padrinhos por parte da noiva, o sr. Evaristo Domingues e esposa e por parte do noivo, o sr. Manuel Pereira e esposa.

Terminada a cerimónia foi servido um finíssimo lanche seguindo os noivos para o Norte onde foram passar a lua de mel.

— Na paróquia da igreja dos Anjos realizou-se o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Maria Dorotea de Castro, gentil filha da sr.<sup>a</sup> D. Berta da Conceição de Castro, com o sr. Francisco Alvarez Vidal, filho da sr.<sup>a</sup> D. Dolores Vidal Alvarez e do sr. Florencio Alvarez.

Serviram de padrinhos por parte da noiva a sr.<sup>a</sup> D. Lia Pereira Reis e o sr. Carlos Costa Reis, e por parte do noivo, a sr.<sup>a</sup> D. Rosa Simas Barreiro e Francisco Simas Alvarez.

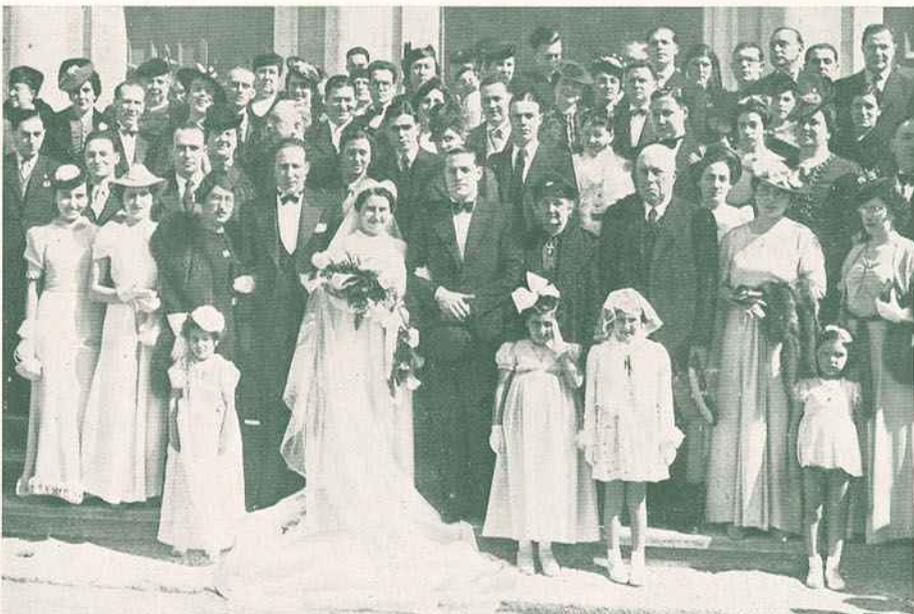
Finda a cerimónia religiosa, teve logar no «Tavares» um fino lunch.

Aos noivos, foram oferecidas muitas e valiosas prendas.

— Na paróquia igreja da freguesia de Escorquela, concelho de Sernancelhe, realizou-se o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Maria Elvira de Jesus Caulino Lemos, gentil filha da sr.<sup>a</sup> D. Tereza de Jesus Caulino Lemos, e do sr. Orlando Vila Nova de Lemos, com o sr. Silvio Augusto Ferreira.

Fôram padrinhos dos noivos, os pais da noiva. Depois da cerimónia religiosa, que revestiu grande imponência, os noivos partiram para o Algarve a passar a lua de mel, devendo depois partir para Quelimane, onde vão fixar residência.

Aos noivos foram oferecidas valiosas e lindas prendas.



Casamento da sr.<sup>a</sup> D. Maria Dorotea de Castro com o sr. Francisco Alvarez Vidal. Os noivos à saída da igreja dos Anjos (Foto Serra Ribeiro)



O encontro Sporting-Flora, no campeonato nacional de futebol foi o jogo mais emocionante das competições da época. O empate conseguido pelos libetistas a golpes de energia, nasceu do constante embate do avançado centro Puyretto com o trio defensivo portense, do qual este José é exemplo fixo

neidade nem caracter para seu delegado num congresso da Federação, esteve a ponto de ser eleito secretário deste organismo pelas maquinações dos tais cúmplices que habilidosamente haviam conseguido transformá-lo em delegado portense!

A combinação gorou porque houve ainda quem ousasse dizer alto a verdade e se opusesse com o seu prestígio e honestidade — coisas que o candidato não possuía — à entrega dum cargo de máxima importância a indivíduo desacreditado e que não encontrou quem quizesse autorizar a inclusão do nome na mesma lista em que figurasse o seu.

No entanto, o acidente é bem sintomático da desorientação reinante e do estado de espírito, ou antes do estado de espírito, de quem cuida das necessidades gerais do mais belo dos desportos, antepondo-lhes sem escrúpulo as satisfações de vaidade pessoal ou as conveniências dos clubes prediletos.

Felizmente a corrente contrária, a dos bem intencionados, dos que são em verdade desportistas, opõe ainda uma barreira resistente ao assalto demolidor. Não houve ainda a decisão nem a coragem

para varrer a casa, mas, pelo menos, abriram-se as janelas e enxotaram-se os parasitas.

Estamos a pouco mais dum ano das grandiosas comemorações do Duplo Cen-

A temporada de atletismo de inverno termina amanhã com a disputa dos campeonatos nacionais da corrida de corta-mato e não pode escrever-se a seu respeito que tenha decorrido com interesse ou brilhantismo.

De há seis ou sete anos para cá o programa organizado pelos dirigentes de Lisboa é invariavelmente idêntico, incluindo sempre as mesmas provas, os mesmos percursos e quasi os mesmos corredores opostos nas mesmas condições.

Desapareceu toda a originalidade, todo o imprevisto, e a classificação da primeira corrida serve de padrão para as restantes. A única prova susceptível de trazer surpresas ou obrigar os melhores a empregarem-se a fundo, que era o "cross handicap" por categorias, até essa foi suprimida desde a época em que a má sina quiz que voltasse a passar pela comissão técnica da Associação certo indivíduo que, por mal do atletismo, possui no meio influente de que não é digno e tantos defeitos que lhe anulam algumas qualidades.

A este propósito é oportuno lamentar a crise de competência que lavra de maneira avassaladora nos dirigentes regionais deste infeliz desporto; valendo-se da sua acção como jornalista, um homem conseguiu dentro da entidade regional lisboeta uma influência oculta em que é servido pela complacência de dirigentes que só valem pelas referências encomiásticas dos comentários de sua autoria. E essa criatura, á qual os representantes dos clubes da capital não reconheceram ido-

# A QUINZENA DESPORTIVA

tenário, em cujo programa foi anunciado desde os primeiros dias a inclusão de provas desportivas de carácter nacional e internacional e de importância invulgar. Falou-se, por exemplo, da organização dos primeiros Jogos Imperiais Portugueses.

Os meses vão, porém, passando sem a a mínima manifestação de actividade que indique a marcha dos trabalhos preparatórios de tão complexas empresas, impossíveis de levar a cabo, com êxito, de improviso; o tempo que resta é já escasso e começamos a duvidar da realidade dos projectos divulgados e que talvez tenham representado unicamente um desejo ou uma aspiração tomados pela verdade.

O nosso scepticismo estende-se ainda mais longe e força-nos a supor que nem sequer o Estádio Nacional teremos construído para 1940, tão profundo é o silêncio que envolve a acção das pessoas encarregadas do estudo e gerência das obras, e tanto tarda o início dos trabalhos intensivos de edificação.

Não é em meia dúzia de meses e com os recursos do país que se ergue um estádio monumental, que se apronta um campo relvado e se assenta o piso dum pista cendrada.

Não será tão pouco numa dezena de meses que se escolhem e preparam os representantes do desporto de todos os territórios do Império ultramarino, que se elabora um plano de competições e se consegue a cooperação de delegações estrangeiras.

Os problemas de tamanha grandiosidade não podem ser convenientemente

resolvidos fora do conhecimento público; a sua divulgação, desde os primeiros estudos solucionatórios, é indispensável para que o resultado corresponda aos objectivos visados, gerando com larga antecedência ambiente de interesse propício ao triunfo desportivo e popular das iniciativas postas em prática.

Convém não esquecer também que 1940 é ano olímpico, o que trás a obrigação de fixar para a primavera quaisquer organizações a que pretenda dar-se cunho de apuramento; mais uma razão em reforço do nosso critério pois cada dia perdido na imediata preparação do programa desportivo das comemorações do Duplo Centenário, é uma probabilidade a menos para a garantia do seu êxito.

A temporada ciclista estreou-se há quinze dias com a Prova de Rampa organizada por "Os Sports" na calçada da Pimenteira.

O público de Lisboa acorreu pressuroso a aplaudir os seus prediletos e a corrida alcançou por isso a notoriedade que bem merecia apesar da ausência da grande maioria dos ciclistas melhor cotados.

Como invariavelmente sucede em todas as épocas entre os corredores da categoria dos independentes, cuja amizade clubista se resume ao recebimento das mensalidades estipuladas nos respectivos contractos, registaram-se numerosas transferências, algumas delas sensacionais.

Podem afirmar-se que o esqueleto de todas as principais equipas sofreu profundas alterações.

Assim, o Desportivo Cuf perdeu o seu melhor homem, Cesar Luis, e substituiu-o pelo sportinguista Joaquim de Sousa que pela segunda vez atraiçoa as tradições do nome; o clube dos "Leões", além deste desertor viu ainda fugir Felipe de Melo, mas como adquiriu em contrapartida o direito aos serviços de Cesar Luis e José

Albuquerque, o vencedor da última Volta, pode afirmar-se que nada piorou com as mudanças; finalmente o Benfica, conservando todos os seus elementos de valor e juntando-lhes Felipe de Melo, reconstruiu um núcleo representativo que pode sem desprimor equiparar-se aos mais fortes.

É caso para regozijo, pois o popular clube das camisas encarnadas arrasta sempre atrás da sua representação uma corrente de interesse público da qual nenhuma modalidade desportiva pode prescindir sem prejuízo. Os seus atletas e os do Sporting asseguraram com a sua rivalidade o progresso e a expansão de qualquer desporto.

O ciclismo enveredou de novo pelo caminho dum actividade crescente, que é a consequência da popularidade conquistada em anos transactos e mantida com esforço pela fidelidade dos grandes grêmios e pela iniciativa de certas entidades particulares a cujo sacrificio persistente se deve a organização das provas mais influentes no espírito do povo.

Agora, desbravado o caminho, garantido o acolhimento entusiástico do meio, fica muito facilitado o interesse do futuro desde que os dirigentes saibam manter a disciplina e a regularidade indispensáveis à estima e à confiança da opinião pública.

Quando as corridas em bicicletas não passavam de modestas e raras competições despercebidas da grande massa desportiva, os organizadores não abundavam e mais árdua e ingrata foi a missão dos que se empenharam em modificar esse estado de coisas. A situação contemporânea é absolutamente diversa, e por isso não falta quem derive em proveito da



Um aspecto característico da Corrida de Roma que inaugurou a temporada ciclista; Aguiar Martins, o futuro vencedor, conduz o prova seguida por Tello Pereira que um desastre lamentável impedia de concluir o percurso

propaganda própria uma parte do caudal de simpatias alimentado na nascente pelos esforços alheios.

É lei geral do mundo e, no caso em questão, a ninguém prejudica, com evidente vantagem para o desenvolvimento do ciclismo.

Os louros destes amigos, vindos depois do triunfo, é que não podem ser tão preciosos como aqueles a que têm direito os pioneiros das horas incertas.

Os efeitos da confiança que actualmente merecem as organizações ciclistas à opinião pública e a autoridade que ganham os dirigentes pela permanência nos seus cargos e pela disciplina na sua acção, estão já surgindo à evidência em diversos terrenos da vida desportiva.

Fazendo fé pelas notícias recentes da imprensa, o ciclismo português far-se-á representar na prova de estrada dos próximos Jogos Olímpicos, na Finlândia. É uma consagração merecida e uma decisão justificada pelo valor dos nossos amadores de bicicleta, cuja classe internacional não será melhor mas também não é pior do que nos ases doutros ramos desportivos que conseguiram já no entanto a honra da selecção olímpica.

Esperemos que tão grave problema seja encarado com o devido cuidado pelos responsáveis da velocipedia nacional, de maneira a assegurar aos seleccionados as melhores condições físicas e técnicas no momento oportuno.



As duas campeãs dinamarquesas Fløgger e Svendsen bateram-se em Paris contra os nadadores franceses Pallard e Carlonnet; este conseguiu a vitória sobre a adversária, mas Pallard e Fløgger concluíram empatas aos 400 metros da sua prova



O campeonato de França da corrida de corta-mato foi ganho novamente por Lalauze (n.º 311), num percurso acidentado e longo de 15 quilómetros. No nosso país, quando o traçado de tais provas foje à monotonia da pista plana da Jockey, aparece logo um técnico a clamar heresia

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Jaime Seguíer (ilustrado); Povo; Cândido de Figueiredo, grande e pequena edição. Simões da Fonseca (pequeno); H. Brunswick (língua e antiga linguagem); Francisco de Almeida e H. Brunswick (Pastor); J. S. Bandeira, 2.<sup>a</sup> ed.; Fonseca & Roquette (Sinónimos e língua); F. Torrinha; A. Coimbra; Moreno; Ligorne; Mitologia de J. S. Bandeira; Dic. de Mitologia de Chompré; Rifoneiro de Pedro Chaves; Adágios de António Delicado; Dic. de Máximas e Adágios de Rebelo Hespanha; Lusíadas; Dicionário de nomes próprios de S. Pacheco.

RESULTADOS DO N.º 26

(Totalidade — 12 pontos)

QUADRO DE HONRA

Marcolim, Siulno, Rosa Negra, Morenita, M. A. P. M., Palmira Ferreira, Eusapesca, Mr. Moto, D. Pericles, Papa-Almudes, Aço, Biscaro, Meio-Kilo, Copotónico, Erbeio, X-8 e X-9 — 12

QUADRO DE MÉRITO

Cavaleiro Branco, Ti-Beado, Sol de Inverno e Dama Negra — 11. Ramou Lágrimas, Francisco J. Courelas, Sevla, Agasio e Dóris I — 9. Mirna, Tarata, Vis-conde X, Anjo das Serras, Larabastro, Calaveras, J. Tavares, e Cigano — 7. Aristofanes e Neptuno — 6. Aocica e Aureolinda — 4

DECIFRAÇÕES

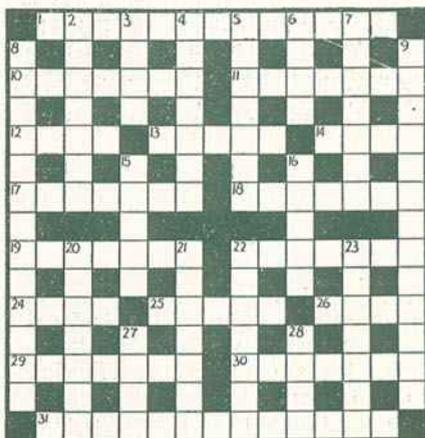
1 — Cabalmente. 2 — Orate. 3 — Meti. 4 — Amor-perfeito. 5 — Aprecativo. 6 — Prezador. 7 — Me(du)sa. 8 — Mur(mu)ro. 9 — Pa(chor)ra. 10 — Pa(va)no. 11 — Per(di)da. 12 — Dia (ou Lua) de São Martinho prova o teu vinho.

CONCURSOS TRIMESTRAIS

Com o presente número iniciamos o segundo torneio charadístico. Para apreciação dos trabalhos, inserimos no que findou, vamos convidar alguns charadistas a emitir o seu parecer a-fim-de na devida altura efectuarmos a respectiva distribuição de prémios.

PALAVRAS CRUZADAS

N.º 5



HORIZONTAIS

1 — Acto de descobrir. 10 — Quisília. 11 — Ocioso. 12 — Classe. 13 — Brando. 14 — Preceito. 17 — Quinta. 18 — Emendei. 19 — Tolher. 22 — Ajuntai. 24 — Ainda. 25 — Estremecido. 26 — Unes. 29 — Importunar. 30 — Movem. 31 — Entremés.

VERTICAIS

2 — Envolver. 3 — Silêncio. 4 — Sanctimonia. 5 — Unir. 6 — Páteo. 7 — Afiligir. 8 — Acto nobre. 9 — Muito notável. 15 — Libré. 16 — Bico. 20 — Impostor. 21 — Boatos. 22 — Pansa. 23 — Entornai. 27 — Cear. 28 — Inocente.

Lisboa

Mirna

SECÇÃO CHARADÍSTICA  
**Desporto mental**

Sob a direcção de ORDISI

NÚMERO 35

CORRESPONDÊNCIA

Dr. Sicascar, Ti-Beado e Francisco Gomes da Cruz — Luanda. — Acabo de receber as vossas cartas que muito agradeço. Em breve responderei. Calorosas saudações aos estimados confrades da longínqua plaga de Angola.

FALECIMENTO

Por informações, inseridas na correspondência supra indicada, sabemos ter falecido em Luanda, nos princípios do mês transacto, uma filha extremosa de Ti-Beado, tia de Dr. Sicascar. A estes nossos distintos confrades e amigos enviamos um abraço de sentidos pêsames.

TRABALHOS EM VERSO

LOGOGRAFOS

1) Ó mulheres repugnantes — 1-9-2 5-3-8  
p'ra que andais de perna ao léu?...  
Não sabem, suas bacantes,  
Que até fazem sombra ao Céu?...

E p'ra que são as intrigas — 5-6-8-4-9-7  
Que vocês armam com ronha?...  
Mulher's assim, figas, figas,  
São mulheres sem vergonha.

Se eu tivesse a negra sorte — 7-3-8-1-2 9  
De viver com tal femeação  
Antes queria que a morte  
Me levasse no regaço.

Leiria Magnate (L. A. C.)

A propósito de um adágio. Com vista ás mamãs que gostam que lhes beijem os seus bebês.

«Quem meu filho beija  
«Minha boca adoça».  
(Adágio popular).

2) «Quem meu filho beija  
«Minha boca adoça».  
Se a mãe o deseja...  
Mas não lhe faz moça — 1-3-2-4

Que um beijo infectado  
Vá contaminar  
O filho adorado?  
Que o vá molestar? — 3-4-1-3

Que louco desejo!  
O amor maternal!... — 1-3-4-5  
Quanta vez um beijo  
Não abre um coval!...

Não vai combalir  
A vida em botão;  
Eivar, destruir — 3-4-1-3  
O frágil pulmão!  
A mãe que adorar  
O seu tenro herdeto, — 1-3-1-4  
E não seja louca,  
Deve-o costumar — 5-4-1-3  
A furtar a boca.

Aos beijos eivados,  
(Excepto aos parentes) — 1-3-2-4  
Ficam malcriados!...  
Prefere-os doentes?

Lisboa Sileno

CHARADAS ADITIVAS (Antigas)

Ao prezado confrade «Sileno», pedindo desculpa de abusar da sua paciência

3) Namorar por «gargarejos»  
sem arriscar alguns beijos — 1  
nesse rosto apeteçido  
do nosso amor?... Não, não vai  
nisso o filho do meu pai  
«dizia um rapaz sabido».

Pode ela ser um «colosso»,  
carne limpa, sem ósso,  
um formidável «peixão»!...  
que não leva assim «à certa»  
quem se «atira» de ôlho alerta  
«nas artes de D. João».

Tê la, sim, bem junto a nós  
a ouvir-lhe a doce voz  
num requebro enlanguescido,  
com viveza e amor ardente, — 2  
está certo e assim, sómente,  
«o amor será divertido».

Talvés a sogra futura  
nos mostre má catadura  
c'uma tal exibição...  
Porém isso é caso mero  
e eu, insisto, só a quero  
«se ela vive ao rez-do-chão!»

Lisboa

Infante

TRABALHOS EM PROSA

SINCOPADAS

4) Vou fazer uma petição ao diabo. 3-2.

Lisboa Castela (T. E.)

5) O meu farnel vai dentro de um lindo saco de coiro. 3-2.

Lisboa Alvarinho

(Retribuindo ao confrade Alguém)

6) É superficial, quasi sempre, o amor de uma mulher. 3-2.

Lisboa Sinlmo (T. E.)

7) Um patife nunca dá boa paga a quem o serve. 5-4.

Abrantes Oacica

8) Dirige ao crime o mau instigador.

Lisboa Numinho

9) Quem gosta de mentir não pode ter o dom de palavra. 3-2.

Vila Serpa Pinto Dr. Sicascar (T. E.-L. A. C.)

Tôda a correspondência respeitante a esta secção deve ser dirigida a: Isidro António Gayo, redacção da Ilustração, Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

10) GEROGLIFOS SIMPLES

(Enigma figurado)



Leiria

Magnate (L. A. C.)

Verificável nos Lusíadas

# ECOS DA QUINZENA



A bailarina Josephine Baker, de passagem por Lisboa, quis satisfazer o capricho de comer bacalhau guizado numa casa de pasto típica do Bairro Alto. A gravura acima mostra a famosa vedeta entre as suas duas secretárias erguendo uma saudação a Portugal



O Chefe do Estado, acompanhado pelo sr. ministro da França em Lisboa, na sua visita à Exposição comemorativa do bi-centenário da Manufatura de Sévres, inaugurada numa das salas do Museu Nacional de Arte Antiga. — *À direita*: O almirante Gago Coutinho falando ao microfone da Emissora Nacional, momentos antes da sua partida para o Brasil



A selecção nacional de hockey em patins que parte brevemente para Montreux, onde vai disputar os campeonatos da Europa e do Mundo. Da esquerda para a direita: Mendes, Adrião, Lopes, Leonel, Bernardino, Sidónio e Oliverio que se apresentou na Parede no decurso de um festival promovido pela Federação Portuguesa de Patinagem



volter o seio, e, mil outros que requerem o tempo.

E que tempo ficou à mulher para aperfeiçoar a sua alma e ornar o seu espírito? Nenhum.

Porque o repouso depois de tantas canceiras é absolutamente indispensável e a mulher que hoje dedica a sua vida a ser bela, não tem tempo de ler uma linha, nem procurar aumentar as qualidades que Deus lhe deu.

Nem mesmo poderá ser uma boa dona de casa, porque não tem tempo para isso.

E o que consegue no fim de tanto trabalho? Ser uma boneca, artificial, feita de novo, dos pés à cabeça, sem interesse espiritual e que será derrotada na vida, pela primeira mulher interessante e natural, que o destino lhe colouque em frente como rival. Ser bonita é um encanto dos maiores para a mulher, mas não é tudo e é necessário para a sua felicidade, a do homem que a escolher e a dos filhos que tiver, se contentar em deformar ainda que temporariamente o idolo pagado, que é o seu corpo, que tenha qualquer coisa no cérebro e no coração, que a façam não uma boneca, mas sim uma mulher.

Nesta época em que depois de tantas lutas a mulher via abrirem-se lhe as portas da intelectualidade nas Universidades e as da sociedade em todos os ramos da actividade humana; não se pode admitir que as publicações femininas rezerem as suas melhores e mais numerosas páginas, sendo todas à cultura da beleza e do corpo.

E se folhearmos as revistas femininas de há vinte anos, há trinta, há cinquenta anos, nós veremos que nelas há menos utilidade, menos banalidade, menos preocupações inferiores, do que nas revistas femininas desta época de adiantada progressão.

E quando por um acaso como me sucedeu, folheamos essas revistas e as confrontamos com as que hoje estão sobre as mesas das «bandeiras» femininas, para serem folheados nos rápidos instantes livres, temos a confrangedora impressão, que se a mulher aumenta em ciência física do tratar o corpo, tem diminuído muito em intelectualidade.

Mas felizmente não é assim, porque a par da mulher frívola e artificial, nós temos hoje figuras de mulher de elevado moral, que dedicam a sua vida a tratar de infinita caridade e outras que ocupam o seu cérebro em pensar e trabalhar para maior bem da humanidade e cujas cabeças não são apenas mostruozas de cabeleiros.

Que a mulher se cuide, se enfeite, se vista com gosto, mas que não se esqueça, que é gente e não boneca.

MARIA DE EÇA.

### A MODA

A primavera triunfante tra-nos a moda garrida das cores. Este ano as grandes creadoras da moda parisiense esses nomes que ecoam pelo mundo de Maton, Jeanne Gaudin, Mirande, Suarth e tantos outros, foram buscar as cores da moda ás suaves tintas do arco-iris.

Azuis tenues e transparentes como o azul do céu, rosas que parecem as que tigem o horizonte quando desponta o dia, cor de junquillo amarelo, dum pallido tom, verdes suaves como águas espedalhadas ou pedras preciosas, e, o branco para tudo e em tudo.

O branco em algodão, em linho, em lã, em seda, em tule e rendas, essa cor que fica bem em todas as idades, desde os primeiros meses aos últimos anos.

A primeira cor que a



# PÁGINA SFEMININAS

criança veste e a última que não briga com uma cabeleira branca

Esse branco que madame Adam tornou encantador nos últimos anos de sua vida e que vestiu a Rainha Isabel da Roménia a brilhante Carmen Sylva até aos últimos dias e até á morte.

A blusa reaparece e vêem-se blusas em tudo, e muito a blusinha branca tão fresca e mimosa, tão bonita sempre. Blusas simples para vestir com os fatos alfaiate, blusas de «toilette» em rendas, setim, e «lamés». Blusas para todas as horas e tão práticas, no variar de «toilette» sem ser preciso ter imensos vestidos, o que a época difícil que atravessamos, não permite ter a muitas senhoras.

A moda é feita de mil pequenas coisas e hoje occupar-nos-hemos dos detalhes de tão grande importância no conjunto moda «toilette» «chic».

Começaremos pelo chapéu que é sempre importante porque a senhora que põe um chapéu bonito e que lhe fica bem, pode ter a certeza que está sempre bem.

Têm as nossas leitoras um lindo chapéu em «taffetas» preto respantado género «canotiers», feição que vai estar muito em voga este ano, guarnece-o uma camélie em veludo branco, que prende o longo véu, que será colocado segundo o gosto de quem o usar. Uma linda camélie da mesma cor remata a gola do vestido e forma esse conjunto harmonioso, que hoje preside no vestuário feminino e que tanto encanto lhe dá.

As luvas chamam também a atenção da mulher e ha alguns anos que a luva se tornou garrida, com os seus canhões guarnecidos e enfiçados, e ultimamente com as cores, que se assemelham ás dos vestidos, ou pelo menos nos chapéus, ou a qualquer detalhe do traço.

A primavera traz-nos ás luvas frescas que este verão terão o maior sucesso, luvas em renda, que nos fazem lembrar os «metaines» de nossas avós e luvas em «crochet» em rde, em variados tecidos. Damos hoje um lindo modelo dessas luvas, que usadas por uma das maiores belezas de Inglaterra que os seus olhos verdes tornaram célebre, tem um maior atractivo.

O penteado retomou o seu antigo aspecto de

obra prima e a mulher moderna tem hoje a cabeça artistica e feminina que a embeleza ao máximo.

Damos hoje um lindo modelo de penteado apresentado por Joan Bennet, que arranjou com a maior arte os seus célebres cabelos loiros «cendré», cor natural, que aumenta a formosura da bella artista. Como garnição laço de setim preto e setim branco, moda que se está divulgando, a de guarnecer com flores e fitas o penteado.

Não há mãe que não se preocupe com o vestuário de suas filhas e muitos têm sido os pedidos, para apresentarmos modélos infantis, no que gostosamente accedemos e hoje damos uma simples «toilette» infantil muito pratica e graciosa, que pode ser usada em passeio ou na escola porque não é uma «toilette» frágil.

Saia em fazenda xadrez, plissada, com o chamado plissado «soleil». Jaqueta em fazenda das chamadas de desporto e uma gola em «piquet» branco. Qualquer pequenita ficará gentilissima com este modélo.

### MULHERES ESPANHOLAS DE HOJE

No principio do movimento nacionalista em Espanha, fazendo as mais violentas perseguções assalvadas e torturavam os franquistas que ousavam manifestar a sua sympathia pelo movimento libertador, foi constituído o primeiro grupo feminino da Falange, com sete senhoras! Pilar Primo de Rivera a mais autorizada e a mais activa, que tomou com a maior energia a direcção do pequeno grupo, ordenou, que na próxima assembleia as quadras fossem pelo menos duplicadas, sendo triplicadas.

Hoje a Falange Espanhola Feminina Nacionalista conta trezentas mil inscritas, que guidadas por Pilar Primo de Rivera trabalham admiravelmente nos hospitais e nos asilos e por toda a parte onde são necessários os seus serviços.

E são graciosas e alegres essas raparigas que desde a primeira hora se puzeram ao lado dos salvadores da sua Pátria, e, que corajosa e ga-

lhardamente ostentam ao peito o seu emblema, que as assinala aos olhos torvos dos que têm sentimentos vermelhos como o sangue que derramaram.

### O AMOR NO CINEMA

É interessante notar de ano para ano a differença de tipos, que os filmes nos vão apresentando e sobretudo a modificação que se tem accentuado na maneira de amar dos galãs do «craque».

Ao principio do cinema e ainda não há muitos anos os galãs eram dum grande sentimentalismo quasi romântico, as cenas de amor intermináveis eram o fundo do filme, o seu maior encanto para algumas das espectadoras.

Pouco a pouco as coisas foram mudando e seguindo um conhecido jornalista italiano essa mudança deve-se ás raparigas de agora, que em vez de lacrimejar nas cenas amorosas dum sentimentalismo piegas, desatavam gargalhadas deante das declarações de amor feitas de joelhos e se aborreciam com esses intermináveis beijos, o que vem provar que apesar do mal que se diz sempre da mocidade elas têm os nervos mais equilibrados e um maior senso das conveniências e do que é inútil para tornar interessante um filme. O galã moderno tem de ser sentimental com uma certa alegria que é juvenete e força e que não é pieguice, tem de ser um bom volante não só em terra como no ar e tem de saber ter um certo humorismo que não exclui sentimento mas torna graciosas e leves as cenas de amor.

Os assuntos também se têm modificados muito e certamente é ainda influencia da gente nova, o tema romântico que occupava 50 % dum filme de há anos occupa hoje 5 % e os filmes de successo são os filmes históricos ou aqueles que têm movimento e imprevisivo sem lhes faltar naturalmente esse pequeno enredo romântico, que os torna interessantes sem serem piegas.

É que mesmo na vida as coisas têm mudado e os amores lacrimosos e chorados do tempo de Lamartine, não existem, e, ainda bem, porque nada há de mais criminoso do que esconbrar a alegria da mocidade, com inúteis e incompreensíveis choras.

O amor deve ser alegre, para illuminar a vida que se lhe abre como uma felicidade que o espera.

### HIGIENE E BELEZA

HA senhoras que cuidadosissimas com a sua beleza, usando «maquillage» e pintando do mais artistico e moderno gosto, desprezam pequenos detalhes do seu estado de saude, que são da maior importância, não só para a saúde como também para o agrado da sua convivência.

Uma dessas coisas que muito prejudica o encanto da mulher é o mau cheiro do nariz. Logo que após uma constipação se note esse cheiro deve fazer-se uma irrigação nasal com a seguinte loção: Bicarbonato de sódio 2 grammas, água oxigenada 30 grammas.

Em seguida applicar esta pomada: Mentol 0,50 grammas, ácido bórico 2 grammas, vaselina 30 grammas. Se depois de ter feito três dias este tratamento não houver modificação no estado do nariz, deve procurar-se um especialista de fossas nasais, pois deve tratar-se de qualquer doença, que necessita de rigoroso tratamento.

O encanto da mulher reside mais no estado perfeito da sua saude, do que no embelezamento artificial, que tão cuidado é, havendo muitas vezes deixado nas regras de hygiene.



### RECEITAS DE COZINHA

**Sopa de pepino e vagens:** É este um bom pe-tico e muito útil nas dietas vegetarianas.

Embelem-se 150 grammas de miolo de pão num copo de leite quente e deixa-se amolcer: Misturam-se 30 grammas de manteiga e 25 grammas de farinha; mexe-se sobre lume brando durante alguns instantes, deita-se-lhe 7 decilitros de leite quente, 12 grammas de sal uma pitada de pimenta e um pouco de noz moscada.

Logo que começa a ferver junta-se-lhe o miolo de pão amolecido e deixa novamente ferver, um pouco retirado do lume. Descaasca-se um bom pepino (600 grammas de péso pouco mais ou menos) corta-se muito fino deita-se numa caçorla com água temperada com sal, deixa-se ferver 8 minutos, depois escorre-se o pepino e deita-se-lhe 50 grammas de manteiga, fervendo 5 minutos.

Em seguida deita-se o pepino no miolo já ferver 25 minutos. Cortam-se em bocadinhos 70 a 75 grammas de feijões verdes cozem-se em água com sal. Passa-se a sopa num coador juntam-se-lhe 3 decilitros de leite para engrossar até ao ponto que se deseje, ferve por alguns minutos e depois de tirada deitam-se duas gemas de ovos, 50 grammas de manteiga e os feijões bem escorridos.

### DE MULHER PARA MULHER

**Daisy:** O clássico «tailleur» usa-se sempre, mas este ano vê-se muito mais o género de «tailleur» fantasia, a saia rodada e o casaco muito justo na cintura. Sou de opinião que qualquer objecto em prata, não é mais caro e dá sempre um aspecto de melhor lembrança para os noivos.

**Filipia:** Como não quer engordar com a vida que faz? Levante-se cedo, dê um passeio a pé antes do almoço, faça um pouco de cultura física e não coma dessa maneira. Prefira os vegetais e as frutas e como tempero o azeite e ver que deixa de engordar o que só lhe trará vantagens. Os bolos em excesso também são prohibidos. Siga este sistema e verá o resultado que tira.



# FIM DE FESTA

## Bridge

(Problema)

Espadas — A, 2  
Copas — — — — —  
Ouros — 3, 2  
Paus — A, 3, 2

Espadas — — — — — **N** Espadas R.  
Copas — — — — — **O** Copas — A. R.  
Ouros — A. R. D. V. **E** Ouros — — — — —  
Paus — R. D. V. **S** Paus — 9, 8, 7, 6

Espadas — 5, 4, 3  
Copas — 3, 2  
Ouros — — — — —  
Paus — 10, 4

Trunfo espadas. **S** joga e faz 6 vasas.

(Solução do número anterior)

**N** joga 2 *e.*, **S** corta de 2 *e.*  
**S** > 3 *e.*, **O** não pode baldar-se a copas (a), baldar-se a ouros.  
**N** joga 2 *e.*, **E** — 8 *p.*, ou V *e.*  
**S** > 3 *e.*, **N** — A *e.*  
**N** > A *e.*, **S** — 3 *p.*  
**N** > 3 *e.*, **S** — 4 *e.*  
**S** > 5 *e.*, **O** — 10 *p.*, **N** — 4 *e.*, **E** não pode defender paus e ouros.  
(a) Se **O** se balda a 10 *p.*, **N** — 2 *p.*  
**S** joga 3 *p.*, **N** — A *p.*  
**N** > A *e.*, **E** — V *p.*, ou 9 *e.*  
**N** > 3 *e.*, **E** — 9 *e.* ou V *p.*, **S** — 4 *e.*  
**S** > 5 *e.*, **O** — 10 *e.*, **N** — 4 *e.* e **E** não pode defender ouros e paus.

## A curiosidade

Uma multidão enorme se reuniu, em Blackpool, na Inglaterra para ver um casamento. E não vão julgar que fôsse o casamento dalguma celebridade, dalgum príncipe, dalgum herói, ou que a noiva fôsse a mais rica herdeira do mundo! Nada disso.

Mas juntaram-se mais de dez mil pessoas para ver casar dois pequeninos entes de vinte e sete e vinte oito anos. Era um homem com 1<sup>m</sup>,10 de altura que desposava uma mulher com 1<sup>m</sup>,05 e toda a comitiva tinha menos de 1<sup>m</sup>,10 de altura.

Esses anões e anãs formavam uma *troupe* de circo, que ali estava trabalhando.

Os noivos eram ambos alemães, o que é mais extraordinário, visto este povo ser de estatura alta e forte.

Nos países tropicais há uma planta muito vulgar chamada a planta que tosse. Se lhe poussa alguma poeira sobre as folhas, os seus órgãos respiratórios içam dando, depois, lugar a uma ligeira explosão, que parece exactamente um discreto ataque de tosse.

## De quantas maneiras?

(Problema)

7 2 16 9 17 5 20

Com os sete números que acima se vêem é possível obterem-se certas somas por mais duma maneira diferente. Por exemplo: 7, 9 e 17 somam 53, 16 e 17 também somam 33.

De quantas maneiras se pode somar 27? De quantas maneiras se pode somar 30? e 36? e 39? e 42?

## Dinheiro trocado

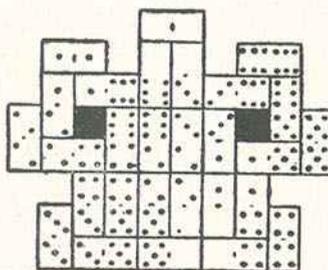
(Solução)

Eis uma forma de colocar as moedas:

50 c.	20 c.	10 c.	5 c.
5 c.	10 c.	20 c.	50 c.
20 c.	50 c.	5 c.	10 c.
10 c.	5 c.	50 c.	20 c.

## Paciência de dominó

(Solução)



## Uma dança nova

Apareceu há pouco em França uma nova dança, com o nome de «chamberlaine», em homenagem ao primeiro ministro inglês. Apresentaram-na num baile em Biborel-les-Rouen, os srs. Malzar de Jonas, pertencentes a uma sociedade de músicos amadores, e consta do seguinte:

Enquanto a orquestra toca um «one-step» e os pares dançam, um cavaleiro sem par, passeia pelo meio deles com um guarda-chuva no braço direito. Escolhe uma das damas que estão dançando e, para a roubar ao seu par, pendura o guarda-chuva no braço d'este último, o qual, para poder dançar novamente tem, por sua vez, de fazer o mesmo.

## Mais um anel

Como se sabe, é uso o noivo oferecer um anel á noiva por ocasião do pedido em casamento, seguido depois, da aliança conjugal. Agora, uma idéa recente, consiste em oferecer um terceiro anel para comemorar o nascimento do primeiro filho.

A pedra será um rubi, se a criança fôr rapaz e uma safira, se fôr menina. Este anel deve ser usado no segundo ou terceiro dedo da mão direita.

## Que animal será?

(Passatempo)



Decalquem estes pedaços informes, cole-os em cartão e depois de os colocarem devidamente de encontro uns aos outros, verão aparecer, outra vez são e escorrito, o animalzinho que assim fôra despedaçado.

## Transfusão de sangue animal

Acaba de tentar-se uma na América, no hospital veterinário de Denker.

Um gato deu o seu sangue por um camarada que pode assim ser salvo.

Como teria este último provado o seu reconhecimento áquela?

O éco mais sensacional que se conhece, encontra-se em Genetay, perto de Ruão, no pátio duma grande quinta. Se uma pessoa se colocar no meio d'esse pátio e se puzer a cantar, ouvirá apenas a sua própria voz, mas aqueles que estiverem em volta não ouvem essa voz na realidade, mas sim a do éco com variantes e multiplicações maravilhosas.



Luizinha (rezando): «... e abençoaat meu Deus, a mãezinha, o paizinho, o tio José, a tia Amélia... e os meus outros animalzinhos todos».

(Do «The Novel Magazine».)

# Companhia de Seguros SAGRES

Sinistros pagos até 31-12-1938

**Esc. 21.045.116\$72**

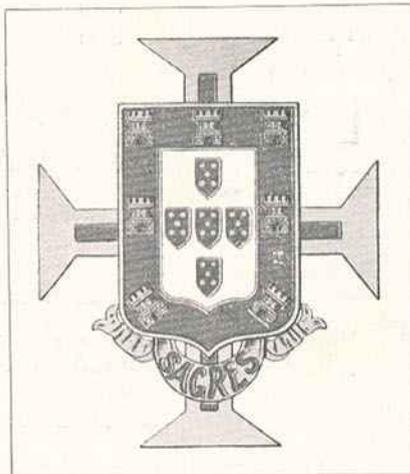
Seguros Acidentes de Trabalho

Seguros de automóveis,  
Responsabilidade civil,  
todos os riscos

CONSULTEM

A

## SAGRES



Capital e reservas em 31-12-1938

**Esc. 15.863.803\$97**

Seguros Postais, Fogo,  
Marítimos, Agrícolas  
e Cristais

Seguros de Vida  
em tôdas as modalidades

CONSULTEM

A

## SAGRES

### Companhia de Seguros SAGRES

**RUA DO OURO, 191** — (Edifício próprio) — **Telef. 2 4171**

A Companhia mandará um empregado a quem o solicitar mesmo pelo telefone

O mais moderno dos Dicionários da língua portuguesa

## DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA

PARA USO DAS ESCOLAS

Revisão ortográfica pelo DR. AGOSTINHO DE CAMPOS

1 vol. de 884 págs., magnificamente impresso  
e muito bem encadernado em percalina verde

**Esc. 15\$00**

Pelo correio à cobrança, **Esc. 17\$50**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

Rua Garrett, 75 — LISBOA

**A VENDA**

AGOSTINHO DE CAMPOS

Da Academia das Ciências de Lisboa

## GLOSSÁRIO

DE INCERTEZAS, NOVIDADES, CURIOSIDADES,  
DA LÍNGUA PORTUGUESA, E TAMBÉM DE  
ATROCIDADES DA NOSSA ESCRITA ACTUAL

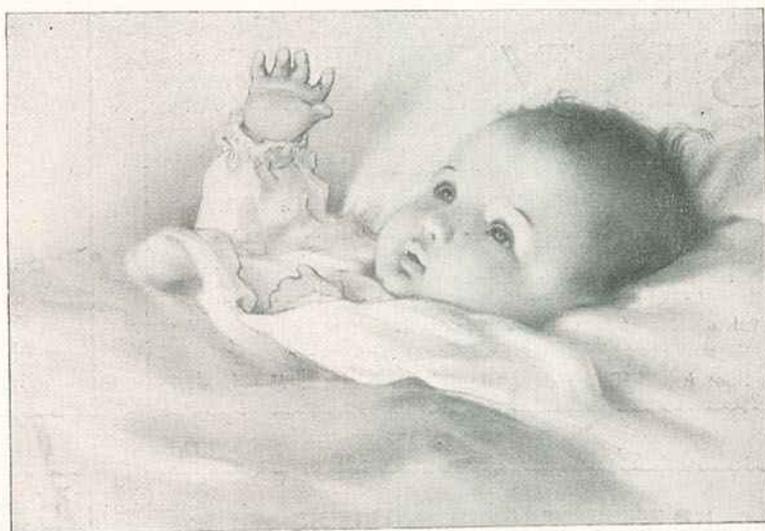
1 volume brochado ..... **15\$00**

Pelo correio à cobrança ..... **16\$50**

Pedidos à

**LIVRARIA BERTRAND**

**73, Rua Garrett, 75 — LISBOA**



**ÀS MÃES PORTUGUESAS**

Acaba de aparecer, refundida, ampliada, actualizada, a 4.<sup>a</sup> edição de

## O MEU MENINO

Como o hei-de gerar, criar e tratar se adoecer

pelo DR. SAMUEL MAIA

Edição primorosa, com muitas gravuras e uma linda capa a cores

1 vol. de 368 págs., broc., **Esc. 15\$00**; enc., **Esc. 20\$00**

Pelo correio, à cobrança, mais 1\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



**ZIG-ZAG**

O UNICO PAPEL DE FUMAR  
QUE NÃO AFECTA  
A GARGANTA

DOUBLE . . . . . \$60  
Simples . . . . . \$30

Unicos importadores  
**CASA HAVANEZA—LISBOA**

**À VENDA**

**DESPORTOS  
EDUCAÇÃO FÍSICA  
E ESTADO**

PELO DR. EURICO SERRA

1 vol. de 140 págs., broch. . . . . **8\$00**  
Pelo correio à cobrança . . . . . **9\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

À venda o 4.º milhar do romance de

**AQUILINO RIBEIRO**

**MÓNICA**

História duma rapariga lisboeta

1 vol. de 312 págs., broc., Esc. 12\$00; enc., Esc. 17\$00  
Pelo correio, à cobrança, mais 2\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**  
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

**COLECCÃO P. B.  
FAMILIAR**

Esta coleção, especialmente destinada a senhoras e meninas, veio preencher uma falta que era muito sentida no nosso meio. Nela estão publicadas e serão incluídas sómente obras que, embora se estejam na fantasia e despertem pelo entrecabo romântico sugestivo interesse, ofereçam também lições moralizadoras, exemplos de dedicação, de sacrifício, de grandeza de alma, de tudo quanto numa palavra, deve germinar no espirito e no coração da mulher, quer lhe sorria a mocidade, ataviando-a de encantos e seduções, quer desabrochada em flor após ter sido delicado botão, se tenha transformado em mãe de família, educadora de filhos e escriptorio de virtudes conjugais.

**Volumes publicados:**

**M. MARYAN**

Caminhos da vida  
Em volta dum testamento  
Pequena rainha  
Dívida de honra  
Casa de família  
Entre espinhos e flores  
A estátua velada  
O grito da consciência  
Romance duma herdeira  
Pedras vivas  
A pupila do coronel  
O segredo de um berço  
A vila das pombas  
O calvário duma mulher  
O anjo do lar  
A força do Destino  
Batalhas do Amor  
Uma mulher ideal  
Ilusão perdida

**SELMA LAGERLÖF**

Os sete pecados mortais e outras histórias  
Cada vol. cartonado . . . Esc. 8\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**  
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A VERDADEIRA HISTÓRIA E VIDA DA

**SEVERA**

(Maria Severa Onofriana)  
1820-1846

POR **JÚLIO DE SOUSA E COSTA**

Apontamentos e notícias para a sua história — Casos interessantes em que intervieram personagens de destaque — A vida na Mouraria — A boémia dourada — A Severa, cantadeira e poetisa — Alma generosa, embora mulher perdida — O retrato da «Severa» — Doença e morte — Vala comum

1 vol. de 208 págs. com um retrato da Severa, Esc. 8\$00;  
pelo correio, à cobrança, Esc. 8\$50

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

**INTELIGÊNCIA**

MENSÁRIO DA OPINIÃO MUNDIAL

Esc. 4\$00

**VIVER!**

Mensário de Saúde, Fôrça e Beleza

Esc. 4\$00

**Livraria Bertrand** — Rua Garrett, 73 — LISBOA

**DOCES E  
COZINHADOS**

RECEITAS ESCOLHIDAS  
POR  
**ISALITA**

1 volume encader. com  
351 páginas. 25\$00

DEPOSITÁRIA:  
**LIVRARIA BERTRAND**  
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

**O Bébé**

A arte de cuidar  
do lactante

Tradução de Dr.<sup>a</sup> Sára Benoit e Dr. Edmundo Adler, com um prefácio do Dr. L. Castro Freire e com a colaboração do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosíssimo  
volume ilustrado

**6\$00**

Depositária:  
**LIVRARIA BERTRAND**  
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

INDISPENSÁVEL EM TÔDAS AS CASAS

# Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA  
Médico dos Hospitais de Lisboa

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

**INDISPENSÁVEL A TÔDA A GENTE**

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica**, é guia, é conselheiro indispensável para êsse efeito. Nesta obra incontestavelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida pelo nome do autor ilustre**, qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso de um ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos **sobre enfermagem**, mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc.; emfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflicção e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

*Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a tóda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta.*

HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM — FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS — RECEITUÁRIO — SOCORROS DE URGENCIA

EM INÚMEROS CASOS DE DOENÇA, DISPOSTOS POR ORDEM ALFABÉTICA, ATENDE, RESPONDE, ENSINA O

## Manual de Medicina Doméstica

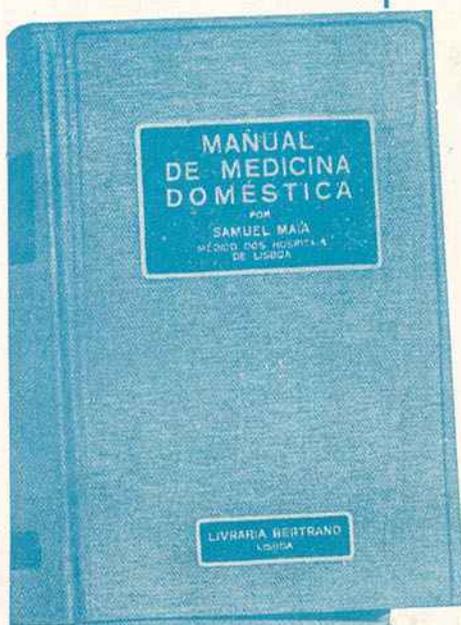
E assim, quando na ausência de médico por o não haver na vila ou na aldeia, ser distante a sua residência, ou na sua falta, como no interior e sempre que seja preciso actuar imediatamente, recorrendo-se ao **MANUAL DE MEDICINA DOMESTICA**, nele se encontrarão todos os conselhos, tódas as indicações quer se trate duma queda, dum envenenamento, duma dor repentina, ou dos sintomas ou das manifestações de qualquer doença.

*Regra de bem viver para conseguir a longa vida*

1 vol. de 958 páginas nitidamente impresso, profusamente ilustrado, lindamente encadernado em percalina **Esc. 35\$00**

**Pedidos à LIVRARIA BERTRAND**

LISBOA — Rua Garrett, 73, 75





# **A RISOTA**

*Semanário humorístico*

De cada vez maior a procura e sucesso da **A RISOTA**, — o jornal humorístico que a todos fará rir, que a todos dará, semanalmente, algumas horas de boa disposição, de desopilante passatempo. Vem trazer a todos — velhos e novos, homens e senhoras, ricos e pobres — a alegria, com a sua graça apropriada, com as suas caricaturas da mais flagrante actualidade, com o seu comentário sarcástico ou ridículo, com a sua piada a tempo, e, sobretudo, com o maior desejo de fazer esquecer aos seus leitores as horas amargas da vida.

Vem, pois, **A RISOTA**, fazer-vos rir, à valentona. E vem alegre, atraente, trazida pela mão do escol mais brilhante, de artistas e escritores humorísticos.

E assim **A RISOTA**, dirigida por um poeta-artista, Augusto de Santa Rita, dar-vos-há os desenhos dos consagrados: Almada Negreiros, Arnaldo Ressano Garcia, Leal da Câmara, Arlindo Vicente, Amarelhe, Hugo Sarmiento, Zeco, Arcindo Madeira, etc. A prosa e o verso serão dos brilhantes escritores: Tomás Ribeiro Colaço, Augusto Cunha, Armando Ferreira, Mário Marques, Luís de Oliveira Guimarães, Castelo de Morais, José de Oliveira Cosme, Cardoso Marta, D. Tomás de Almeida, Anibal Nazaré, António Santos (Antonito), José Castelo, etc.

**Oito páginas, a cores**, publicar-se-há tôdas  
as **segundas-feiras**, custando apenas **1\$50**

A' venda em tôdas as livrarias, tabacarias, gares de caminho de ferro, postos de venda  
de jornais e nas ruas por todos os vendedores

**COMPREM, LEIAM, DIVULGUEM**

**A RISOTA**

**ARTE E ALEGRIA**

Façam imediatamente as suas requisições à

**Livraria Bertrand** — Rua Garrett, 73 em **LISBOA**